

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

MAKELI ALDROVANDI

**COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS SOB A PERSPECTIVA DA
TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA**

**PORTO ALEGRE
2014**

MAKELI ALDROVANDI

**COESÃO E A COERÊNCIA TEXTUAIS SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA
ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA**

PORTO ALEGRE

2014

MAKELI ALDROVANDI

**COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA
ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do grau de Mestre, pelo
Programa de Pós-graduação da Faculdade de
Letras da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Cláudio Primo Delanoy

AGRADECIMENTOS

A Deus pela luz quando a escuridão assustava, e pela força quando o caminho era árduo demais;

A meus pais pelas impagáveis lições de vida, modelos de perseverança, e por serem incansáveis incentivadores na busca pelos meus sonhos;

Ao professor orientador Cláudio Primo Delanoy pelo profissionalismo, dedicação e assistência em todos os momentos;

Aos meus amigos e namorado pelo apoio e pela compreensão das minhas ausências constantes;

Aos demais professores, funcionários e colegas do PPGL da PUCRS;

A CAPES pela bolsa de estudos.

Muito obrigada!

*Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!*

*Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço[...]*

Olavo Bilac

RESUMO

Propusemos, por meio deste trabalho, a explicação dos fenômenos *coesão* e *coerência*, cunhados pela Linguística Textual, sob a luz da Teoria da Argumentação na Língua (ANL), desenvolvida por Oswald Ducrot e demais colaboradores. Justificamos a pesquisa por haver necessidade de explicar a construção dos sentidos em um discurso pelos meios oferecidos pela própria Língua, uma vez que ela subjaz a qualquer discurso, é nela que os locutores buscam os elementos para enunciar, e é por ela que os locutores se enunciam. Este é o diferencial da Teoria da Argumentação na Língua: analisar enunciados e discursos a partir da língua. Para essa Teoria, a língua é fundamentalmente argumentativa. Assim sendo, toda e qualquer escolha do locutor tem influência no sentido que ele constrói. Os sentidos, segundo a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) - fase atual da ANL- podem ser explicitados por meio de encadeamentos argumentativos. Os discursos analisados foram crônicas, e a aplicação dos conceitos da TBS nos permitiu descrever de que forma *coesão* e *coerência* podem ser explicadas em termos da ANL. Pelo levantamento de argumentações internas e externas ao léxico e aos enunciados e pelas relações estabelecidas entre os blocos semânticos e aspectos argumentativos de um mesmo bloco semântico nos discursos analisados, foi possível lançar um olhar particular sobre os fenômenos tão conhecidos que são *coesão* e *coerência*.

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua. Teoria dos Blocos semânticos. Coesão. Coerência.

ABSTRACT

It has been proposed, by this work, the explanation of the phenomena *cohesion* and *coherence*, coined by Textual Linguistics, under the light of the Theory of Argumentation within Language (AWL), developed by Oswald Ducrot and fellow researchers. We have justified the research for there is a need to explain the construction of the meaning in a discourse by the means offered by Language itself, since it underlies all discourses, it is within it that speakers search the elements to enunciate, and it is through it that they enunciate. This is the differential of Argumentation Theory within Language: analyzing utterances and discourses starting from the Language. To this Theory, language is fundamentally argumentative. Thus, any choice of the speaker influences the meaning built by him. The meanings, according to Theory of Semantic Blocks (TSB) - current phase of AWL - can be explained by means of argumentative chaining. The discourses analyzed are chronicles, and the application of the concepts of TSB has allowed us to describe how cohesion and coherence can be explained in terms of AWL. By raising the internal and external argumentations of the lexicon and utterances and by the relationships established between the semantic blocks and argumentative aspects of the same semantic block in the discourses analyzed, it has been possible to cast a particular view on the long known phenomena which are *cohesion* and *coherence*.

Keywords: Theory of Argumentation within Language. Theory of Semantic Blocks. Cohesion. Coherence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Esquema explicativo de significação e sentido	33
Figura 2: Quadrado argumentativo 1 “ <i>O tempo que traz</i> ”	37
Figura 3: Quadrado argumentativo 2 “ <i>O tempo que leva</i> ”	38
Quadro 1: Sentido de <i>Evolução</i>	57
Quadro 2 Diferentes sentidos de “ <i>Dar opinião faz mal</i> ”	68
Quadro 3: Diferentes sentidos de “ <i>Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro</i> ”	78

LISTA DE ABREVIATURAS

AE- *Argumentação Externa*

AI- *Argumentação Interna*

ANL- *Teoria da Argumentação na Língua*

CLG- *Curso de Linguística Geral*

CON- *Conector*

DC- *donc (portanto)*

LT- *Linguística Textual*

neg- *negação*

PT- *pourtant (no entanto)*

TBS- *Teoria dos Blocos Semânticos*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 A Linguística Textual	17
2.1.1 Texto.....	18
2.1.2 Coesão Textual.....	19
2.1.3 Coerência Textual	25
2.2 Teoria da Argumentação na Língua	27
2.2.1 Raízes da Teoria da Argumentação na Língua	28
2.2.2 Teoria da Argumentação na Língua (ANL): Conceitos-chave	31
2.2.3 ANL: do modelo <i>standard</i> à Teoria dos Blocos Semânticos	34
2.3 Crônica	41
3 Metodologia e Análise	45
3.1 Metodologia	45
3.2 Análise das Crônicas.....	46
3.2.1 <i>Invólucros</i> , de Luís Fernando Veríssimo.....	46
3.2.2 <i>Não dê sua opinião</i> , de David Coimbra	57
3.2.3 <i>Em caso de despressurização</i> de Martha Medeiros	68
3.3 Discussão dos Resultados	79
4 Considerações Finais.....	86
Referências	90

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por intuito explicar os fenômenos *coesão* e *coerência*, cunhados pela Linguística Textual, sob a luz da Teoria da Argumentação na Língua (ANL), de Oswald Ducrot *et al.* Pretende-se explicar que as relações entre as entidades linguísticas presentes em um discurso são relações semânticas, portanto, os fenômenos *coesão* e *coerência* são mais do que correspondências entre elementos formais, mas também são relações de sentido.

A Linguística Textual (LT) também se ocupa da construção de sentido, e o texto é seu objeto de estudo. Embora a LT conceitue texto como uma entidade linguística que forma um todo significativo, ela analisa, por meio do fenômeno *coesão*, principalmente, as relações formais entre os elementos da superfície do texto, e de que forma essas relações são importantes na construção do sentido.

Contudo, nem sempre as relações formais da superfície explicitam o sentido do texto. A classificação dos articuladores, por exemplo, nos mostra isso. Uma análise superficial não prevê que uma conjunção como *e* tenha outra função que não aditiva.

No exemplo:

Josué trabalha e estuda.

temos um *e* com função realmente aditiva. Ele adiciona as duas ações realizadas por Josué. Contudo, no exemplo:

A violência aumenta a cada dia e a polícia não é capaz de contê-la.

o articulador *e* tem função claramente adversativa. Ele poderia facilmente ser substituído por *mas*:

*A violência aumenta a cada dia, **mas** a polícia não é capaz de contê-la.*

Percebe-se o sentido do articulador *e* como sendo adversativo na relação entre os dois segmentos, e não na soma dos sentidos de cada um. Há uma ligação semântica entre os elementos que faz com que *e* adquira outro sentido, que não o de adição. A escolha do articulador se deve ou à semelhança ou à diferença de sentido dos enunciados articulados, ou seja, a função do articulador é marcar uma relação já existente entre os segmentos por ele

unidos, estejam eles apontando para um único tipo de continuação, ou apontando para continuações diferentes. O articulador não estabelece uma relação.

Além de evidenciar-se pelo uso de articuladores, a coesão pode se dar por outros meios, como a substituição de uma palavra por outra. Dessa forma, a coesão é vista como um fenômeno que faz com que um elemento remeta a outro. Na frase:

A menina ganhou um brinquedo novo. Ela ficou muito feliz com ele.

os pronomes *ela* e *ele* fazem mais do que remeter a *menina* e a *brinquedo novo*. O que ocorre é uma relação de sentido entre essas entidades. O sentido de *ela* só é construído em relação a *menina que ganhou o brinquedo novo* e o sentido de *ele* também só é dado em relação a *brinquedo novo ganho pela menina*. Trata-se de uma relação de sentidos entre os enunciados.

A explicação da construção de sentidos é o objeto de estudos para a Teoria da Argumentação na Língua. Para a ANL, a língua é essencialmente argumentativa. Sob esse ponto de vista, argumentar significa construir sentido. Sendo assim, a escolha do locutor por usar um ou outro elemento de coesão não é aleatória, mas visa fazer com que o interlocutor compreenda seu enunciado de uma determinada forma e responda a ele observando os efeitos de sentido provocados. Por exemplo, optar pela reiteração de um elemento não é simplesmente repeti-lo gratuitamente, mas provocar no interlocutor um discurso que leve em consideração tal repetição. Por exemplo, o enunciado:

Ele correu.

pode evocar no interlocutor o enunciado “*portanto deve estar cansado*”.

Contudo, enunciar:

Ele correu e correu e correu...

certamente cria um outro sentido e, por consequência, um enunciado diferente por parte do interlocutor, por exemplo: “*portanto deve estar muito cansado*”.

O que determina o sentido de um discurso, ou de um enunciado, portanto, é o fato de ele abrir possibilidades de novos discursos. Os discursos por ele evocados são *constituintes* do seu sentido.

Para uma maior e melhor compreensão do sentido do texto/discurso¹, é preciso que haja uma teoria que dê conta da língua em uso, como é o caso da Teoria da Argumentação na Língua, que busca no sistema linguístico a explicação para o sentido construído no uso.

Busca-se, com o presente estudo, verificar se os fenômenos *coesão* e *coerência* podem ser explicados em termos da ANL e se as relações entre os blocos semânticos existentes nos discursos analisados podem ser responsáveis por tais fenômenos. É importante ressaltar que este trabalho não visa reformular ou redefinir os conceitos de coesão e coerência. São os fenômenos coesão e coerência que importam para este trabalho, uma vez que eles são, de fato, relações entre elementos. Eles serão explicados segundo a Teoria da Argumentação na Língua, que vê o sentido como construído através de relações. Trata-se, como veremos mais adiante, de relações de níveis diferentes: para a Linguística Textual, as relações são formais, se encontram na materialidade linguística do texto. Por outro lado, para a Teoria da Argumentação na Língua, essas relações são de nível profundo, elas se dão ao nível da língua, subjazendo, dessa forma, o texto.

A Linguística Textual foi referida por ter sido a precursora dos trabalhos com o texto. Contudo, o texto também foi pensado pela ANL, embora seu foco de estudos permaneça no enunciado.

Oswald Ducrot já previa que a ANL poderia ser útil nas análises de textos. Ele diz:

A linguística pode ser útil para a análise de textos? A análise de textos pode ser útil à linguística? Um ponto comum aos estudos reunidos neste livro [*Les mots du discours*] é responder *sim* a uma e a outra destas questões - e, sobretudo considerar os dois *sim* como ligados um ao outro: a linguística que pode servir à análise de textos é somente uma linguística que se serve da análise de textos. (DUCROT, 1980, cap.1, s/p, tradução nossa)

Isso se deve ao fato de a Teoria da Argumentação na Língua trabalhar em uma via dupla: do discurso para a língua e da língua de volta para o discurso. A ANL busca na língua a explicação para os sentidos construídos nos discursos. Contudo, para tal, ela precisa de um objeto de pesquisa, e esse objeto deve ser algo real. A língua não é vista, nem ouvida; o que se vê e se ouve é o enunciado, ou seja, o uso da língua. Enunciados interligados semanticamente constituem um discurso. Por outro lado, como a língua subjaz ao discurso, é nela que os locutores buscam os elementos de que se utilizam para enunciar.

¹ No momento, não faremos distinção entre os termos

A semântica linguística busca o sentido dos enunciados por meio de sua interpretação. Para a ANL, a interpretação é um instrumento de análise, porque é por meio da interpretação que se pode definir o valor semântico do material linguístico utilizado na composição desse enunciado: a frase. Isto é, pelo valor semântico do enunciado (sentido), chega-se ao valor semântico da frase (significação). A significação, ou valor semântico da frase, na língua, permite compreender por que um enunciado pode ser interpretado de certas formas, mas não de outras. Sobre a metodologia utilizada para sua pesquisa, Ducrot fala:

E a nossa abordagem é tentar descobrir, por trás dessas múltiplas interpretações, um valor semântico ligado às palavras usadas, valor semântico que é o nosso próprio objeto, e precisamos justificar a existência e natureza, mostrando que ela ajuda a entender por que tais interpretações podem ser dadas ao enunciado e não outras². (DUCROT, 2008, p. 308. Tradução nossa).

Isso significa dizer que Ducrot parte do sentido dos enunciados para determinar as significações das frases. O sentido é o ponto de partida do qual o linguista se utiliza para construir seu próprio objeto de análise que é a significação.

Neste ponto justifica-se a escolha pela ANL para fundamentar este trabalho. A Linguística Textual se ocupa mais dos elementos formais que compõem o texto, isto é, sua análise permanece no texto. A ANL, por outro lado, aprofunda seus estudos e explica como tais relações formais, permitidas pela língua, constroem sentidos diferentes, ou seja, ela busca na língua a explicação do que está no discurso. A descrição de sentidos é o objeto da ANL por ela ser uma teoria semântica e enunciativa. Isso implica dizer que a ANL se ocupa dos sentidos das entidades linguísticas no enunciado, o que significa, no uso da língua.

Segundo a ANL, o enunciado é o produto da enunciação. Enunciação, segundo Ducrot (1984, p. 369), é a palavra utilizada “para referir o acontecimento histórico, isto é, o fato de uma frase ter sido objeto de um enunciado (ou de um discurso)”, ou seja, o momento histórico e único em que uma frase da língua – elemento reiterável - é empregada e se transforma em um enunciado – único e irrepitível. Para que exista enunciado, é necessário que haja um *locutor*. O locutor é o ser discursivo que se enuncia para um alocutário. O alocutário, por sua

² Texto original: Et notre démarche consiste à essayer de découvrir, derrière ces multiples interprétations, une valeur sémantique attachée aux mots utilisés, valeur sémantique qui est notre objet propre, et dont nous devons justifier l’existence et la nature en montrant qu’elle aide à comprendre pourquoi telles interprétations ont pu être données à l’énoncée et non pas telles autres.

vez, é o ser discursivo projetado pelo locutor para receber seu discurso. O sentido do enunciado é construído a partir das significações da frase. As significações são instruções de como uma frase pode ser compreendida, e estão presentes na própria língua. Elas são abertas e abrangentes. Trata-se apenas de possibilidades. É no emprego da frase, ou seja, no enunciado que o sentido será obtido. A partir da relação entre as significações das entidades linguísticas presentes na frase se constrói o sentido do enunciado.

Com base na aplicação dos conceitos da ANL a enunciados, se pretende explicar o sentido veiculado por eles, além de analisar suas relações com os demais enunciados presentes no discurso que integram. Propõe-se, também, através da análise dos encadeamentos, buscar o sentido expresso pelo discurso como um todo.

A Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), fase atual da ANL, entende que o sentido argumentativo de um enunciado pode ser traduzido através de blocos semânticos. Intenciona-se investigar se as relações entre os blocos semânticos presentes em um discurso promovem os fenômenos que a Linguística Textual intitula como *coesão* e *coerência*.

Assim sendo, acredita-se que a ANL muito pode contribuir para a análise de textos/discursos, quando esses são percebidos como encadeamentos de enunciados, ou seja, como a língua em uso. Os conceitos fundamentais da ANL serão mais detalhadamente explicitados na fundamentação teórica deste trabalho.

Como metodologia de pesquisa, faremos uma análise de discursos do gênero *crônica*. Justifica-se a opção por esse gênero por ser largamente utilizado nas salas de aula, no ensino de Língua Portuguesa. Buscaremos na ANL, mais especificamente, na TBS os conceitos necessários para que os objetivos desta pesquisa sejam atingidos. Para tal, expressaremos os sentidos dos enunciados por meio de encadeamentos e aspectos argumentativos, levantando argumentações internas e externas de entidades lexicais, tais como enunciados e palavras, buscando na relação que essas entidades linguísticas mantêm com as demais, seu sentido nos discursos analisados.

O objetivo geral desta pesquisa é explicar os fenômenos de coesão e coerência textual sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua. Os objetivos específicos são:

- Descrever e explicar como a Teoria da Argumentação na Língua concebe os fenômenos coesão e coerência textuais propostos pela Linguística Textual.

- Investigar se as relações entre os blocos semânticos presentes em um discurso promovem os fenômenos coesão e coerência.

Esta dissertação apresenta a seguinte estrutura: na seção 2 está a Fundamentação Teórica, que apresenta, inicialmente, os conceitos de texto, coesão e coerência pela Linguística Textual; em seguida, apresenta-se uma breve justificativa da inscrição da ANL na teoria Saussuriana, traça-se um rápido panorama da evolução da ANL, desde seu modelo *standard* ao momento atual, a TBS. Depois, apresentam-se os conceitos fundamentais da ANL-TBS. A seção 3 dá conta da metodologia e das análises dos discursos selecionados, bem como da discussão dos resultados obtidos nas análises. Finaliza-se o trabalho com as considerações finais, na seção 4.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentaremos, primeiramente, os conceitos de *texto*, *coesão* e *coerência* pela Linguística Textual. Na sequência, justifica-se a ligação entre a ANL e a teoria Saussuriana. Após, faz-se um breve histórico da evolução da ANL, do modelo *standard* de Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, ao momento atual da TBS, com Marion Carel. Em seguida, apresentam-se os conceitos da TBS que são essenciais para esta pesquisa: *encadeamento* e *aspectos argumentativos*; *argumentação interna* e *externa*; e *bloco semântico*.

2.1 A Linguística Textual

Nesta seção, serão abordados três conceitos fundamentais para esta pesquisa: *texto*, *coesão* e *coerência textual*, sob a perspectiva da Linguística Textual. Citar a Linguística Textual justifica-se por ser essa a área que, até o momento, tem o texto por objeto de estudo e analisa a coesão e a coerência textuais como critérios de textualidade. O que se pretende realizar é paralelo entre os elementos coesivos citados pela Linguística Textual, principalmente no que concerne às conjunções, e os encadeamentos argumentativos propostos pela Teoria da Argumentação na Língua pela perspectiva da Teoria dos Blocos Semânticos. É importante ressaltar que se trata de elementos de natureza distinta: as conjunções são elementos gramaticais e os encadeamentos são elementos de ordem semântica. O que será comparado, de fato, é sua função de unir semanticamente as entidades presentes no texto/discurso.

Para isso, foram escolhidas obras de Maria-Elisabeth Conte (2003), Jean-Michel Adam (2011), Ingendore Villaça Koch (2012), Leonor Lopes Fávero & Ingendore Villaça Koch (2012), e Castro *et al* (2013). A escolha desses autores se deveu ao fato de serem referências atuais quanto aos estudos do texto.

A Linguística Textual surgiu na Europa na década de 1960. O intuito dessa área era ampliar o escopo dos estudos linguísticos: não apenas analisar a frase, mas tomar por seu objeto o texto. Isso se deu porque as Gramáticas da palavra ou da frase não eram suficientes

para explicar os fenômenos textuais como a referência, as relações entre as frases e parágrafos, entre outros. Além disso, percebeu-se que o texto não era apenas um aglomerado de frases, portanto, não podia ser tratado como tal. O texto tem uma estrutura específica, diferente daquela da frase.

Em *A coesão textual*, Koch diz:

A Linguística Textual toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a palavra ou a frase isolada, mas o texto, considerado a unidade básica de manifestação da linguagem, visto que o homem se comunica por meio de textos e que existem diversos fenômenos linguísticos que só podem ser explicados no interior do texto. O texto é mais do que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa. (KOCH, 2012A, p. 11)

Dizer que a diferença entre frase e texto não é quantitativa, mas qualitativa, significa dizer que não é o tamanho, nem o número de palavras, mas as características de um texto que o diferenciam de uma frase. Na seção seguinte, esclareceremos o conceito de *texto*, assim como suas características, pela Linguística Textual.

2.1.1 Texto

São várias as concepções de *texto* existentes na literatura especializada. Fávero e Koch (2012) apresentam o conceito de *texto* sob dois pontos de vista: o *estrito* e o *lato*. No sentido *lato*, texto é qualquer manifestação humana com o objetivo de comunicar. No sentido *estrito*, texto é qualquer manifestação verbal humana, seja ela falada ou escrita, que construa um todo significativo:

É lícito concluir, portanto, que o termo *texto* pode ser tomado em duas acepções: *texto*, em sentido *lato*, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura, etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado por meio de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, temos o *discurso*, atividade comunicativa de um falante, em uma situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação. O discurso é manifestado, linguisticamente, por meio de textos (em sentido *estrito*). Neste sentido, o texto consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se,

pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela *tessitura* do texto – os critérios ou padrões de textualidade, entre os quais merecem destaque especial a coesão e a coerência.
(FÁVERO & KOCH, 2012, p. 34)

Além dessas concepções de textos, *estrito e lato*, Koch (2012B) menciona as seguintes: uma unidade linguística superior à frase, uma combinação de frases, uma cadeia de isotopias, um complexo de proposições semânticas. Para nenhuma dessas acepções o texto é uma mera justaposição de frases. Ele deve constituir um todo significativo, ou seja, deve apresentar *textualidade*. Adam (2011, p. 25) caracteriza textualidade como “um conjunto de operações que levam um sujeito a considerar, na produção e/ou leitura/audição, que uma sucessão de enunciados forma um todo significante”. No parágrafo acima citado, Fávero & Koch mencionam a *tessitura* do texto e dizem que a coesão e coerência são os critérios de maior destaque quanto à sua construção. As seções seguintes darão conta desses critérios.

2.1.2 Coesão Textual

Um dos critérios para que um texto seja compreendido como tal é a existência de *coesão*. Entende-se por coesão textual “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos” (Koch, 2012B, p. 45). Isto é, através da coesão textual os elementos constituintes do texto se ligam, de forma a construir um sentido. Esse é um processo que ocorre na superfície do texto e pode se dar por elementos lexicais ou gramaticais.

Koch (2012A) propõe a existência de basicamente dois tipos de coesão: a *remissiva* ou *referencial* e a *sequencial*.

Coesão referencial [é] aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro denomino *forma referencial* ou *remissiva* e ao segundo, *elemento de referência* ou *referente textual*.
(KOCH, 2012A, p.31)

Para a referida linguista (p. 31ss), são elementos de coesão referencial: artigos (definidos ou indefinidos), pronomes adjetivos e substantivos, (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos), numerais (ordinais e cardinais), pronomes de 3ª pessoa, elipse, advérbios pronominais, expressões ou grupos nominais definidos, nominalizações, expressões sinônimas, hiperônimos e hipônimos. Por sua vez, Adam (2011, p. 132) chama de *correferência* o processo de ligação semântica que ocorre entre esses elementos e aqueles a que se referem. Todos esses elementos podem ser classificados em dois grandes grupos, dependendo de seu lugar de ocorrência no texto. Segundo Adam, as relações de correferência podem ser *anafóricas* (remetem a elementos presentes no cotexto à esquerda, isto é, já mencionados) ou *catafóricas* (remetem a elementos presentes no cotexto à direita, isto é, que serão mencionados a seguir). Por exemplo:

*O presidente dos Estados Unidos esteve reunido com os membros do Congresso. **Ele** decidiu manter sua política de relacionamento com outros países.*

No exemplo acima, o pronome *ele* é um elemento anafórico, pois retoma algo que foi mencionado anteriormente, no caso, *o presidente dos Estados Unidos*. Já no exemplo:

*O que você deve fazer agora é **isto**: ser paciente e esperar.*

o pronome *isto* remete ao que vem depois – *ser paciente e esperar* – por isso é um elemento catafórico.

A seguir, serão detalhados os elementos de coesão referencial, segundo Koch (2012A), com exemplos:

- Artigos: O artigo definido funciona como um elemento anafórico e o artigo indefinido como um elemento catafórico. *Ex: Depois de algum tempo, aproximou-se de nós **um** desconhecido trajado de modo estranho. **O** desconhecido tirou do bolso do paletó um pequeno embrulho*
- Pronomes adjetivos: Os pronomes adjetivos exercem uma função de artigo, isto é, acompanham o nome. *Ex: Há, entre outras, a hipótese de que os preços venham a estabilizar-se. **Essa** hipótese me parece por demais otimista.*
- Numerais: também exercem a função de artigo. *Ex: Preciso de alguns alunos para ajudarem na pesquisa. **Dois** alunos procederão o levantamento do corpus e **três** alunos farão uma resenha da literatura pertinente.*

- Pronomes pessoais de 3ª pessoa: Dão ao leitor instruções sobre o elemento a que se faz referência. A concordância entre pronomes e formas nominais evita possíveis ambiguidades. *Ex: As crianças estão viajando. **Elas** só voltarão no final do mês.*
- Elipse: É o apagamento de um elemento que fica subentendido pelo contexto. *Ex: Os convidados chegaram atrasados. (φ^3) Tinham errado o caminho e custaram a encontrar alguém que os orientasse.*
- Pronomes substantivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos, relativos): Substituem, total ou parcialmente, um nome. *Ex: Pedro ganhou uma promoção. **Isso** deixou sua família muito feliz.*
- Advérbios pronominais: Fazem referência a nomes. *Ex: Perto do parque há um pequeno restaurante. **Lá** se reúnem muitos jovens ao entardecer.*
- Expressões ou grupos nominais definidos: São formas nominais, geralmente introduzidas pelo artigo definido, que fazem referência a um nome anteriormente citado. *Ex: Regan perdeu a batalha no Congresso. **O presidente dos Estados Unidos** vem sofrendo sucessivas derrotas políticas.*
- Nominalizações: Formas nominais derivadas de elementos da oração anterior. *Ex: Os grevistas paralisaram todas as atividades da fábrica. **A paralisação** durou uma semana.*
- Expressões (quase) sinônimas: Utilizam-se expressões sinônimas para manter o tema, mas evitar repetições. *Ex: A porta se abriu e apareceu uma menina. **A garotinha** tinha olhos azuis e longos cabelos dourados.*
- Hiperônimos/ hipônimos: São palavras que generalizam e especificam uma classe, respectivamente. *Ex1(hiperônimo): Vimos **o carro** do ministro aproximar-se. Alguns minutos depois, **o veículo** estacionava adiante do Palácio do Governo.*

*Ex2 (hipônimo): **Sua doença** não era grave. **A gripe** a deixaria em poucos dias.*

Por meio do uso dos pronomes substantivos, acima citados, dá-se o fenômeno chamado *encapsulamento anafórico*. Esse fenômeno consiste em parafrasear ou resumir uma porção anterior do texto por meio de um sintagma nominal. Conte (2003) define encapsulamento anafórico da seguinte maneira:

3 O símbolo marca o apagamento de “os convidados” na frase

Este termo [*encapsulamento anafórico*] descreve uma anáfora lexicalmente baseada, construída com um nome geral (ou um nome avaliativo, um nome axiológico) como núcleo lexical e revela uma clara preferência por um determinante demonstrativo. O encapsulamento anafórico pode ser definido no seguinte modo: é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto. Esta porção do texto (ou segmento) pode ser de extensão e complexidade variada (um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença). (CONTE, 2003, p. 178)

Ou seja, entende-se por encapsulamento anafórico a retomada, de forma resumida, de uma porção anterior do texto. *Ex: Havia duas obras perto do condomínio em que ela morava. Isso dificultava sua concentração.* No exemplo, o pronome demonstrativo **isso** retoma toda a oração anterior, resumindo-a.

Em suma, a *coesão referencial* é responsável por manter o tópico do texto na mente/memória do leitor através das constantes retomadas e referência. A *coesão sequencial*, por sua vez, é aquela que faz com que o assunto central do texto progrida. Para Koch, coesão sequencial é aquela que:

[...] diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir. (KOCH, 2012A, p. 53)

Koch (2012A, p.53) classifica a coesão sequencial em dois grupos: a parafrástica (com procedimentos de recorrência) e a frástica (sem procedimentos de recorrência). Dentre os mecanismos de coesão sequencial parafrástica estão: reiteração, paralelismo, paráfrases, ritmo, rima, assonância, aliterações e tempos e aspectos verbais. Já quanto aos mecanismos de coesão sequencial frástica, a autora cita os conectores, elementos de função argumentativa, procedimentos de manutenção temática (uso de elementos de um mesmo campo semântico), procedimentos de manutenção e de progressão temática (tema e rema) e encadeamentos por justaposição ou conexão (Koch 2012A, pag. 53ss).

A seguir, explicitaremos os dois tipos de coesão sequencial, adaptados de Koch (2012A).

I - Coesão sequencial parafrástica:

- Reiteração: Repetição do mesmo elemento lexical. *Ex: E o trem corria, corria, corria...*
- Paralelismo: Manutenção da mesma estrutura sintática. *Ex: Nosso céu tem mais estrelas, / Nossas várzeas têm mais flores, / Nossos bosques têm mais vida, / Nossa vida mais amores. (Gonçalves Dias)*
- Paráfrase: Repetição do conteúdo semântico através de entidades lexicais diferentes. Pode-se introduzir uma paráfrase com: *isto é, ou seja, em outras palavras, em resumo, etc.* *Ex: Em todo enunciado, fala-se de um determinado estado de coisas e uma determinada maneira, isto é, ao lado daquilo que se diz, há o modo como aquilo que se diz é dito.*
- Ritmo, rima, assonância, aliterações: Repetição de sons vocais e consonantais. *Ex: O poeta é um fingidor, / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente. (Fernando Pessoa)*
- Tempos e aspectos verbais: Combinação de tempos verbais que indicam certos aspectos: descrição, narração, relato, etc. *Ex: O recanto era aprazível. O vento balançava suavemente as copas das árvores, os raios do sol refletiam-se nas águas do riacho e um perfume de flores espalhava-se pela clareira onde descansavam os viandantes. De súbito, ouviu-se um grande estrondo e todos se puseram de pé, sobressaltados.*

No exemplo, o pretérito imperfeito marca uma sequência descritiva. Quando o tempo verbal muda para o pretérito perfeito, há a introdução de uma sequência narrativa.

II- Coesão sequencial frástica:

- Conectores: podem ser de diversos tipos como:
 - **Se** que estabelece uma relação de implicação entre um antecedente e um consequente.
 - **E, bem como, também**, que somam argumentos a favor de determinada conclusão.
 - **Quando**, que opera a localização temporal dos fatos a que se alude no enunciado.
 - **Ainda que, no entanto**, que introduzem uma restrição, oposição ou contraste com relação ao que se disse anteriormente.
 - **Pois**, que apresenta uma justificativa ou explicação sobre o ato de fala anterior.
 - **Seja...sejam, como**, que introduzem uma especificação e/ou exemplificação.
 - **Ou**, que introduz uma alternativa.
- Elementos de função argumentativa: orientam os enunciados em que figuram para determinadas conclusões. *Ex: mesmo, até, antes de mais nada, etc.*

- Procedimentos de manutenção e de progressão temática (tema e rema): usam-se elementos de um mesmo campo semântico para manutenção do tema *EX: O desabamento de barreiras provocou sérios **acidentes** na estrada. Diversas **ambulâncias** transportaram as **vítimas** para o **hospital** da cidade mais próxima.* Faz-se o tema progredir através da articulação entre tema e rema.

Adam (2011) define *tema* e *rema* da seguinte forma:

O grupo mais à esquerda, o tema, é ponto de vista do enunciador, o ponto de partida do enunciado. Esse grupo é menos informativo em razão de sua inscrição no cotexto de uma retomada (um elemento já citado é tematizado – fenômeno de anáfora) ou em razão de sua inscrição no contexto de uma localização dêitica ligada à situação de enunciação. [...]O grupo mais à direita, o rema, corresponde ao que é dito do tema; é o elemento frasal posto como o mais informativo, o que faz avançar a comunicação. (ADAM, 2011, p. 93)

Isto significa dizer que o tema é o início do enunciado: ele é o menos informativo, pois é a reiteração de uma informação dada anteriormente. Mais à direita, temos o rema, elemento de maior valor informativo, pois se trata de uma informação nova, não dedutível do que foi apresentado anteriormente. O rema de um enunciado pode vir a ser o tema do enunciado subsequente. É dessa forma que o texto se constitui em um único sentido. Segundo Adam, há certa tensão entre permanência e continuidade do tema. O autor diz:

Uma sucessão de enunciados (parágrafo ou sequência) pode ser definida como uma sequência de temas. Todo texto é entendido em uma tensão entre coesão (ligada à estrutura temática, ou à conexão e à concatenação dos temas sucessivos) e progressão. Os remas sucessivos trazem as informações pertinentes, mais importantes, ditas, nesse sentido, “novas” (“foco” ou centro de informação). (ADAM, 2011, p. 97)

- Encadeamentos por justaposição ou conexão:
 - O encadeamento por justaposição pode se dar com ou sem o uso de *elementos sequenciadores*. São exemplos de elementos sequenciadores: *por consequência, em virtude do exposto, dessa maneira, em resumo, essa posição, etc.*
 - O encadeamento por conexão se dá através das conjunções, advérbios sentenciais e outras palavras de ligação.

A coesão textual é tida como um fenômeno que define se um conjunto de frases é um texto, contudo, não se pode pensar que usar elementos coesivos basta para que haja textualidade, como definido por Fávero & Koch anteriormente. É fundamental que o texto seja *coerente*. Discutiremos, agora, o conceito de coerência textual, pela Linguística Textual.

2.1.3 Coerência Textual

Como mencionado na seção anterior, a coesão textual é um fenômeno que se dá na superfície do texto, entre os elementos que o compõem. Por sua vez, coerência, para Koch (2012B, pag. 52), “diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos”. Ou seja, a coerência se dá em um nível subjacente ao texto, não em sua superfície como a coesão.

Koch & Travaglia (1990, pag. 21) afirmam que *coerência* diz respeito à possibilidade de construção de sentido pelo interlocutor, e que o sentido é global, isto é, está presente no todo do texto, não apenas em uma ou outra frase.

A linguista cita o contexto externo ao texto como elemento fundamental para que haja coerência. Por outro lado, ela diz que:

Se, porém, é verdade que a coerência não está **no**⁴ texto, é verdade também que ela deve ser construída **a partir dele**⁵, levando-se, pois, em conta os recursos coesivos presentes na superfície textual, que funcionam como pistas ou chaves para orientar o interlocutor na construção do sentido. (KOCH, 2012B, p. 53)

Ou seja, deve-se partir do texto para determinar a existência de coerência. Porém, sobre esse mesmo tópico, Fávero aponta que fatores não linguísticos são essenciais na construção do sentido pelo interlocutor. Ela cita as intenções, o conhecimento e as experiências cotidianas como elementos construtores da coerência. Fávero (1991, p. 60) acrescenta que “um texto não é em si coerente ou incoerente; ele o é para o leitor/alocutário numa determinada situação” .

Embora se possa perceber que coerência e coesão são fenômenos de ordens distintas, elas devem acontecer juntas. Koch & Travaglia assinalam essa relação dizendo:

4 Grifo da autora.

5 Idem.

A relação da coesão com a coerência existe porque a coerência é estabelecida a partir da sequência linguística que constitui o texto, isto é, os elementos da superfície linguística é que servem de pistas, de ponto de partida para o estabelecimento da coerência. (KOCH & TRAVAGLIA, 1990, p. 41)

Castro *et al* (2013) também consideram que coesão e coerência se dão de forma conjunta, mas definem a cada fenômeno seu papel. Para as autoras, a coerência remete aos processos cognitivos de compreensão do texto, enquanto a coesão trata dos elementos superficiais do próprio texto. Segundo elas, a coerência abrange o nível *macroestrutural*, ou seja, o texto como um todo, já a coesão abrange o nível *microestrutural*, isto é, é pontual em certos segmentos do texto. Castro *et al* dizem:

Os fatores de *coerência* são os que dão conta do processamento cognitivos do texto e permitem uma análise mais profunda. Os de *coesão* são os que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto. Enquanto a *coerência* se caracteriza como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado em grande parte macroestruturalmente, a *coesão* se dá microestruturalmente. A coesão textual é elemento facilitador para a compreensão do texto, mas é a coerência que lhe dá sentido. (CASTRO *et al*, 2013, p. 65)

Por serem fenômenos responsáveis pela tessitura do texto, *coesão* e *coerência* colaboram uma com a outra.

O foco principal da Linguística Textual consiste em analisar os elementos superficiais do texto. Adam (2011, p. 301) introduz uma de suas análises – pela Linguística Textual, dizendo: “[...] este estudo nos permitirá retomar os conectores, os indicadores enunciativos, a estruturação periódica e os atos de discurso”. Isso significa que sua análise não vai aprofundar questões de construção de sentido, mas buscar, no texto, relações formais entre períodos, marcados por conectores, como esses períodos se organizam, e outros elementos da superfície textual. Com fins de exemplificar como se dá o trabalho da Linguística Textual, citamos uma análise de Koch:

Assim, *tudo*, em (1), remete a toda a sequência do texto, sendo, pois, um elemento **catafórico**. Por seu turno, *isto*, em (3), remete para o enunciado anterior; é, portanto, **anafórico**, do mesmo modo que *tudo*, em (5). *Deles*, em (3), remete a *urubus*, de (2); são também *os urubus* o sujeito (elíptico) da sequência de verbos em (3), mas não de *teriam*, cujo sujeito será um subconjunto do conjunto dos *urubus*, que exclui o subconjunto complementar formado por *outros*; e, em (4), *eles* pode remeter a *urubus*,

de (2), ou ao primeiro subconjunto citado anteriormente.⁶ (KOCH, 2012 A, p. 15)

Como vimos até o presente momento, um texto nunca é um amontado de fatos. Este é o ponto pelo qual aproximaremos a ANL da Linguística Textual: ambas as teorias preocupam-se com as relações, estejam elas entre os segmentos de um enunciado, ou em um texto.

Oswald Ducrot e Marion Carel, idealizadores da TBS, trabalham, tradicionalmente, com enunciados. No entanto, estudos mais recentes de Marion Carel trazem análises de discursos completos. Em um deles, *Narrativa e Persuasão em Claude Guex de Victor Hugo*, enquanto analisa uma passagem narrativa do texto na qual não há, exceto por alguns *e*, a presença das conjunções, Carel diz:

Exceto algum *e*, não há conjunções aqui. Nem conjunção argumentativa, nem conjunção temporal. Entretanto, esse texto não constitui um amontado de fatos, postos aí, um pouco como numa lista de compras a fazer. Compreendê-lo é compreender que os diversos acontecimentos de que ele trata estão ligados argumentativamente. (CAREL, 2012, p.15)

A partir desse excerto, e da ideia de que os elementos de um texto são interligados de maneira *argumentativa*, iniciamos a elucidação dos conceitos fundamentais da Teoria da Argumentação na Língua, que fundamenta este estudo.

2.2 Teoria da Argumentação na Língua

Na subseção anterior, apresentamos os conceitos principais da Linguística Textual. Isso porque precisávamos situar nossa pesquisa em relação àquela teoria que foi a precursora nos trabalhos com texto. Nesta subseção, o foco é a Teoria da Argumentação na Língua.

⁶ Excerto do texto analisado por Koch (2012A): (1) *Tudo* aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... (2) Os urubus, aves por natureza beçadas, **mas** sem grandes dotes para o canto, decidiram que, **mesmo** contra a natureza, *eles* haveriam de se tornar grandes cantores. (3) E **para** isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, **para** ver *quais deles* seriam os mais importantes e teriam permissão de mandar nos *outros*. (4) **Foi assim que** *eles* organizaram concursos e deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor de início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos chamavam por Vossa Excelência. (5) *Tudo* ia muito bem **até que** a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida.

Começaremos por abordar sua origem e filiação, faremos um breve histórico de suas três distintas etapas de desenvolvimento, e, finalmente, exporemos seus conceitos, tendo sido selecionados os que foram de maior relevância teórica para esta dissertação.

2.2.1 Raízes da Teoria da Argumentação na Língua

Oswald Ducrot, o idealizador da Teoria da Argumentação na Língua, juntamente com Jean-Claude Anscombe, fundamenta seu trabalho em Ferdinand de Saussure. Essa ligação acontece porque a noção de *relação* é fundamental para Ducrot, assim como foi para Saussure. Assim sendo, faz-se necessário explicitar alguns conceitos importantes da teoria Saussuriana, tais como *signo*, *linguagem*, *língua* e *fala*, *relações sintagmáticas* e *associativas*, além de *valor do signo linguístico*.

Para Saussure, o *signo* é a unidade de descrição da Linguística. Para ele, signo é a união de uma *imagem acústica (significante)* com um *conceito (significado)*. Ambos, significante e significado, são entidades psíquicas, que não podem ser apreendidas separadamente, embora sejam naturezas distintas. A relação entre significante e significado é arbitrária, ou seja, não há nenhuma ligação interna entre um significado e um significante. Uma prova disso é que há diferentes significantes em diferentes línguas para um mesmo significado. Contudo, para o estudo da Linguística, devem-se considerar os dois elementos relacionados. Um significante sem significado passa a ser apenas uma sequência de sons, que não interessa à Linguística. Saussure diz:

Não há nenhuma entidade linguística, entre as que nos são dadas, que seja simples porque, mesmo reduzida à sua mais simples expressão, ela exige que se leve em conta, ao mesmo tempo, um signo e uma significação, e que contestar essa dualidade ou esquecê-la equivale diretamente a privá-la de sua existência linguística, atirando-a, por exemplo, ao domínio dos fatos físicos. (SAUSSURE, 2004, p. 23)

Embora se diga que o signo contém uma significação, isso não quer dizer que ele expressa uma ideia completa quando fora do uso. O sentido do signo só é completo na presença de outros signos: é uma relação entre os signos que constrói o sentido. Este é um conceito de extrema importância para Saussure: *o valor do signo linguístico*. Para Saussure, o valor define-se da seguinte forma:

A cada signo existente vem, então, SE INTEGRAR⁷, se pós-elaborar, um valor determinado [], que só é determinado pelo conjunto de signos presentes ou ausentes no mesmo momento; e, como o número e o aspecto recíproco e relativo desses signos mudam a cada momento, de uma maneira infinita, o resultado dessa atividade, para cada signo, e para o conjunto, muda também a cada momento, numa medida não calculável. (SAUSSURE, 2004, p. 80)

Isto é, as relações entre os signos presentes em um enunciado, ou ausentes por opção do falante, resultam no valor. Dizer que os signos estão ausentes significa apenas dizer que eles não se encontram explícitos no enunciado, mas estão ainda presentes no sistema da língua.

Concebe-se a *língua* como um sistema porque tudo o que está na língua está em uma relação de dependência. Saussure apresenta dois tipos de relações: *sintagmáticas* e *associativas*. Por *sintagmáticas*, Saussure compreende as relações que acontecem entre os signos presentes em um mesmo sintagma. Trata-se de um vínculo linear que definirá o valor de cada signo. Quanto às *associativas*, se dão entre os signos na memória, ou seja, é a evocação de um ou mais signos por outro, é a relação em ausência, já que os signos evocados não fazem parte do mesmo sintagma. Os autores do *Curso de Linguística Geral*⁸ dizem:

Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos.
Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. (CLG, 2013, p. 172)

Outras concepções Saussurianas se fizeram importantes para a ANL. São elas: *linguagem, língua e fala*. Para Saussure, a *linguagem* é uma faculdade natural ao homem. É constituída de duas faces que não existem de forma independente: uma social – a *língua*, e uma individual – a *fala*.

A *língua* é “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (CLG, p.41, 2013). É, também, o conjunto de normas que a massa falante

7 Grifo do autor

8 Nesta pesquisa são atribuídas a Saussure apenas as citações tiradas dos *Escritos de Linguística Geral*. Aquelas que foram obtidas no *Curso de Linguística Geral* estão indicadas como por CLG, uma vez que Saussure não é, de fato, o autor do Curso.

adota para que haja comunicação. Ou seja, é a língua que permite colocar em prática a faculdade da linguagem por meio da fala. Saussure optou por fazer da *língua* o objeto de estudo da Linguística por ela ser um todo passível de classificação, enquanto a *linguagem*, por sua vez, é multiforme e muito abrangente, porque, segundo o CLG, ela é ao mesmo tempo individual e social e não permite a definição de *uma* unidade de estudos. Para os organizadores do CLG:

Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades assinaladas, ou se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Linguística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências – Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc. – que separamos claramente da Linguística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos. (CLG, 2013, p. 40)

Isto é, analisar a linguagem em seu todo daria margem para que outras ciências participassem do estudo, o que não permitiria que a Linguística se firmasse como uma ciência independente.

A respeito da *fala*, Saussure afirma ser ela a concretização da *língua*: é por meio da *fala* que se pode apreender a *língua*. A *língua* é um fato social, a *fala* é uma expressão individual. Muito se falou sobre a “dicotomia” Saussuriana língua/fala. Contudo, Saussure, conforme seus discípulos escreveram no CLG, não as tratou como independentes, pelo contrário, para ele, língua e fala são interdependentes:

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; [...] Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. (CLG, 2013, p. 51)

O fato de Saussure, segundo o CLG, ter elegido por seu objeto de estudo a língua não significa que ele desconsiderou a fala. Trata-se apenas de seu recorte teórico, uma vez que seu objetivo era descrever o funcionamento do sistema da língua.

As noções de valor e de relação, acima apresentadas, são muito importantes para a ANL, porque a Teoria da Argumentação na Língua também concebe as *entidades linguísticas* (palavras, frases ou enunciados) como tendo sentido apenas na relação, ou seja, no discurso. Contudo, isso não significa que as entidades linguísticas sejam completamente vazias de sentido. Se assim fosse, a comunicação seria impossível, uma vez que cada entidade linguística poderia ter múltiplos sentidos, tantos quantos fossem seus usos pelos diferentes locutores. Por isso Ducrot distingue dois tipos de valor semântico: a *significação* e o *sentido*, estando a *significação* nas entidades linguísticas presentes no sistema da língua, como uma orientação para seu uso, e o *sentido* no uso do sistema, ou seja, nos enunciados e discursos. Na seção seguinte serão abordados, de forma mais aprofundada, os conceitos de *significação* e *sentido*, segundo Ducrot, bem como os demais conceitos da Teoria da Argumentação na língua relevantes a esta pesquisa.

2.2.2 Teoria da Argumentação na Língua (ANL): Conceitos-chave

Na seção anterior, explicitamos de que forma a Teoria da Argumentação na Língua segue a linha Saussuriana dos estudos da Linguagem. Nesta seção, serão elucidados os conceitos mais relevantes da ANL para o presente trabalho. Inicialmente, abordaremos o sentido de *argumentação* para a essa teoria. Em seguida, elencaremos as entidades linguísticas utilizadas por Ducrot em seus estudos.

A ideia central da Teoria da Argumentação na Língua é a de que *argumentar* é a essência da língua. Contudo, para a ANL, *argumentar* não é a atividade retórica de convencer o interlocutor a agir ou a pensar de uma determinada maneira. Para Oswald Ducrot (2009, p. 21), argumentar é ligar um segmento A a um segmento B por meio de um conector, seja ele DC (do francês *donc* - portanto) ou PT (do francês *pourtant* - no entanto). Ou seja, argumentar é expressar sentido por meio de encadeamentos argumentativos. Trata-se de construir sentido a partir da relação de interdependência semântica entre os dois segmentos de um enunciado.

Para Saussure, *significante* e *significado* são elementos linguísticos abstratos, conforme vimos anteriormente. Ducrot também concebe elementos abstratos em sua teoria. São eles a *frase* e o *texto*. Esses elementos têm sua face concreta: o *enunciado* e o *discurso*, respectivamente.

A *frase* é uma entidade linguística abstrata da qual o locutor se serve para enunciar. A frase tem caráter geral e universal, isso porque uma frase, fora de uso, não pode fazer referências ao mundo. Tomemos por exemplo a frase: **Este livro é meu**. Sem aplicação, não se pode identificar de que livro se trata, nem a quem pertence. Para que possamos conhecer as referências, é preciso pôr a frase em uso. A realização de uma frase é um *enunciado*. Ou seja, o enunciado é a frase em uso. Pelo enunciado podem-se fazer referências ao mundo, sejam elas referências de tempo, espaço ou pessoa. Uma mesma frase pode dar origem a vários enunciados. Isso porque um enunciado é irrepitível. A mesma frase **Este livro é meu** pode ser utilizada diversas vezes por diversos locutores para remeter a múltiplos livros, ou mesmo, ser utilizada por um mesmo locutor para indicar diferentes livros.

Uma sequência de frases é um *texto*, para Ducrot (1984). *Discurso* vem a ser uma sequência de enunciados interligados. Quanto a esses conceitos, Ducrot diz:

Chamaremos de ‘frase’ ao material linguístico de que o locutor se serviu, isto é, a entidade abstrata. *Vou-me embora*. Será cômodo, além disso, poder designar uma sequência de frases (por exemplo: *Vou-me embora. Despacha-te*). Utilizaremos, para isso, a palavra ‘texto’ (precisando que esta noção continua a pertencer ao domínio das entidades abstratas). Para falar daquilo que foi efetivamente pronunciado ou escrito, isto é, da realização, utilizaremos o termo ‘enunciado’. Poderá, então, dizer-se que a mesma frase deu lugar a diversos enunciados, mas nunca podemos afirmar que alguém repetiu várias vezes o mesmo enunciado. Quanto à palavra ‘discurso’, ela designará uma sequência de enunciados ligados entre si: um discurso será, portanto, uma realização de um texto. (DUCROT, 1984, p. 369)

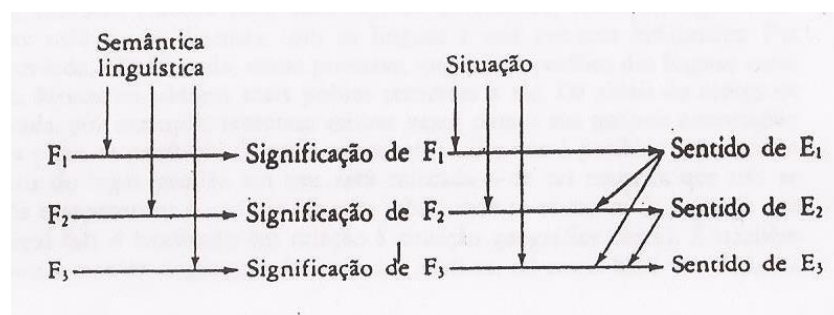
Além de *frase*, *enunciado*, *texto* e *discurso*, outros conceitos de grande importância para a ANL são o de *significação* e *sentido*. *Significação* é o “conjunto de instruções” (Ducrot, 1984, p. 374) contidas na frase a partir das quais se poderá construir o sentido do enunciado. Essas instruções são dadas ao interlocutor para que ele possa “saber o que é necessário fazer, quando se está em presença deste enunciado, para interpretá-lo” (Ducrot, 1987, p. 170). Além das instruções dadas aos interlocutores, uma frase contém o chamado *valor argumentativo*, presente também em entidades linguísticas menores, como a palavra. Sobre valor argumentativo, Ducrot diz:

O valor argumentativo de uma palavra é por definição a orientação que essa palavra dá ao discurso. Com efeito, acredito que o emprego de uma palavra torna possível ou impossível uma certa continuação do discurso e o valor argumentativo dessa palavra é o conjunto dessas possibilidades ou impossibilidades de continuação discursiva que seu emprego determina. (DUCROT, 1988, p. 51, tradução nossa)

Isto é, a partir da significação de uma frase, tem-se certo número de possibilidades para compreender um enunciado, enquanto outras interpretações são, de certa forma, excluídas. Da mesma forma, pelo *valor argumentativo*, excluem-se algumas possibilidades de continuação para um discurso. Quando a frase se realiza em um enunciado, temos o valor semântico chamado de *sentido*. Ou seja, o sentido é produzido no discurso, isto é, no uso da língua. Segundo Ducrot (1987, p. 170) “O sentido pertence ao domínio do observável, ao domínio dos fatos: o fato que temos de explicar é que tal enunciado tem tal(is) sentido(s), ou seja, que ele é suscetível de tal(is) interpretação(ões)”. Segundo o linguista, a opção pelos termos *significação* e *sentido* é arbitrária e tem cunho metodológico, aplicável à ANL: uma vez que a Teoria faz distinção entre frase e enunciado, é coerente que faça uma distinção entre os valores semânticos expressos por cada um.

Em seu texto **Enunciação** (1984), presente na *Enciclopédia Einaudi*, Ducrot apresenta diferentes esquemas para representar de que forma o sentido de um enunciado é construído. Uma *frase* contém uma significação que indica que tipo de aplicação ela pode ter. A *situação* (momento histórico e presença de locutor e alocutário) faz da frase um enunciado com um sentido. Em um discurso, cada frase dá origem a um enunciado. Cada enunciado apresenta um sentido, que é completo pelo sentido dos enunciados anteriores e posteriores, em um constante movimento de avanço e recuo. Observemos o esquema abaixo, retirado da *Enciclopédia Einaudi* (1984, p. 377):

Figura 1: Esquema explicativo de significação e sentido



Conforme mencionamos anteriormente, um enunciado é a realização de uma frase. Portanto, para haver enunciado, deve haver um locutor. Para a ANL, *locutor* é o sujeito responsável pelo enunciado. É importante ressaltar que *locutor* não é, para a ANL, o sujeito empírico. Isso implica dizer que a referida teoria não se ocupa do ser que enuncia, de sua história, de seu meio. O objeto de investigação da ANL é o enunciado. Assim sendo, a ANL inscreve-se no rol das teorias enunciativas: um locutor enuncia para um alocutário, dessa forma, constrói sentido em sua enunciação. E sendo a língua *argumentativa*, todas as escolhas do locutor têm influência na construção do sentido do seu enunciado ou discurso. Para Ducrot (1984), até mesmo a ordem dos enunciados é constituinte do sentido. O linguista diz:

[...] a ordem segundo a qual os enunciados aparecem – responsável pelo movimento e pela organização do discurso – possui ela própria um valor semântico. Por outro lado, a reunião de vários enunciados serve muitas vezes para sugerir, ou mesmo para impor certas conclusões, que pertencem por isso ao discurso tomado na sua totalidade, e a nenhum dos enunciados em particular. (DUCROT, 1984, p. 376)

Os conceitos acima explicitados são fundamentais para a Teoria da Argumentação na Língua. Ainda que a ANL tenha passado por diferentes fases, como veremos na próxima seção, esses conceitos permeiam todas elas. A seguir, faremos um breve panorama sobre as três fases pelas quais a ANL passou e destacaremos seu momento atual, a Teoria dos Blocos Semânticos.

2.2.3 ANL: do modelo *standard* à Teoria dos Blocos Semânticos

A Teoria da Argumentação na Língua passou, basicamente, por três fases: a *standard* (1983), os *topoi* e Teoria Polifônica da Enunciação (1988) e a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS - 1992).

O primeiro momento, chamado *standard*, reconhecia como encadeamentos argumentativos apenas aqueles em *portanto*, ou seja, os conclusivos. Os encadeamentos eram constituídos por dois *segmentos*, ligados pelo articulador *portanto*. Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe ocupavam-se da argumentatividade das entidades linguísticas, não de sua informatividade. Um exemplo clássico utilizado pelos linguistas era a palavra *perto*. Se o

locutor enuncia: “*meu hotel fica perto*”, o sentido de *perto* é extraído das conclusões que se pode tirar deste segmento. Por exemplo: “*meu hotel fica perto, portanto é fácil chegar*”.

No segundo momento, a teoria se ocupou dos chamados *topoi*. Os *topoi* eram princípios gerais que permitiam a passagem de um argumento à conclusão. Isto significa dizer que “quanto mais verdadeiro é o que se diz no argumento, mais verdadeiro é o que se diz na conclusão” (Carel & Ducrot, 2005, p. 12). Essa teoria foi abandonada por Ducrot porque buscava na realidade concreta os fatos que embasavam a argumentação, o que afastaria a ANL do propósito saussuriano de estudar a língua em si, pelas suas relações internas.

Com Marion Carel, a partir de 1992 começou a se desenvolver a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Nessa fase, a argumentação passa a ser constitutiva do sentido. Isto é, por meio de argumentações pode-se descrever o sentido de entidades linguísticas.

A maior contribuição introduzida na ANL pela TBS foi o conceito de *interdependência semântica*. Esse conceito explicita a forma como é construído o sentido: um segmento depende do outro para que seu sentido seja completo. Nenhum dos dois segmentos tem sentido fora da relação com o outro, apenas uma significação, ou seja, uma orientação para o que poderá ou não ser ligado a ele. Nas fases anteriores, cada segmento continha um sentido que apontava para uma possível continuação no segmento seguinte; na TBS, o sentido de uma entidade linguística só é dado na sua relação com outras entidades linguísticas, ou seja, está nos discursos com os quais se relaciona. Esses discursos são chamados *encadeamentos argumentativos*. Um encadeamento argumentativo pode ser formalizado em x conector y, em que x é o primeiro segmento, e y é o segundo segmento.

Como vimos acima, na primeira fase da ANL, os encadeamentos argumentativos eram apenas aqueles em *portanto*. Para a TBS, há dois tipos de encadeamentos: aqueles em *portanto*, que passam a se chamar *normativos*, e também os *transgressivos*, em *no entanto*. Os encadeamentos são *normativos* ou *transgressivos* não em relação ao que a realidade dita como norma ou transgressão, mas simplesmente em relação ao conector. Sobre isso, Ducrot diz:

Na verdade, o mesmo argumento, em virtude de sua significação intrínseca, poderia igualmente ser seguido por *não C*, com a condição de mudar de conector. Assim, é um esforço que faz escolher C em vez de *não C* depois de A. Essa escolha não é comandada pela significação de A, que não favorece C mais do que *não C*. A única coisa que ela impõe é a escolha de *donc* (portanto) num caso ou de *pourtant* (no entanto) no outro. Não vejo, então, como a proposição A poderia levar a crer C. (DUCROT, 2009, p. 23)

Ou seja, é pela relação de semelhança ou diferença de sentido dos segmentos, como mencionamos na introdução deste trabalho, que o conector deve ser escolhido, uma vez que os conectores explicitam a relação já existente entre os segmentos. Os conectores são entidades abstratas, formalmente representados por DC, do francês *donc*, e PT, do francês *pourtant*, respectivamente normativos e transgressivos. Eles podem ser realizados não apenas em *portanto* e *no entanto*, mas em outros articuladores tais como: *mas*, *todavia*, *entretanto*, *etc* (representados por PT) e *então*, *como consequência*, *assim*, *etc* (representados por DC). Como um exemplo de encadeamento normativo temos: **Pedro é prudente, portanto não terá nenhum acidente**. Para um encadeamento transgressivo: **Pedro é prudente, no entanto sofreu alguns acidentes**.

Um conjunto de encadeamentos é chamado de *aspecto*. Aspecto vem a ser a representação mais generalizada de um conjunto de encadeamentos. Os encadeamentos são particulares, revelam sujeitos da ação, tempos e outras especificidades, como o uso de um articulador real para representar a ideia do conector. Um aspecto pode explicitar o sentido de diversos encadeamentos. Por exemplo, o aspecto **chuva DC neg felicidade** pode ser desenvolvido nos encadeamentos:

Toda vez que chove, Joana sente-se infeliz.

Ontem choveu o dia todo, por isso eu não estava feliz.

Se chover no próximo fim de semana, não ficarei feliz.

Os aspectos argumentativos podem ser formalizados de forma genérica em A CON B, em que A é um segmento, CON é o conector e B é o segundo segmento, a ser interligado a A por meio do CON. Através da mudança de um *conector* DC em um PT, e por meio da adição da negação, pode-se chegar a até oito aspectos divididos em dois *blocos semânticos* de quatro aspectos cada. Um *bloco semântico* é, assim, o sentido que está presente em todos os encadeamentos que pertencem aos quatro diferentes aspectos resultantes das mudanças de conector e da negação, como acima mencionado. Diz-se que todos os encadeamentos de um bloco semântico mantêm a mesma relação de interdependência semântica. Sobre a *interdependência semântica e encadeamentos argumentativos*, Ducrot diz:

Assim, não há passagem de um conteúdo factual, *objetivo*, para outro. Até mesmo se meu discurso associa duas expressões bem distintas *depressa demais* e *infração*, ele manifesta uma representação semântica única (na terminologia de Marion Carel, um *bloco*), que exprime a ideia única de velocidade proibida (ou, no exemplo anterior, de velocidade perigosa).

Para que serve, portanto, o encadeamento argumentativo? Não para justificar uma afirmação a partir de outra apresentada como já admitida, mas para qualificar uma coisa ou situação (aqui a velocidade) pelo fato de que ela serve de suporte a certa argumentação. O *portanto* é um meio de descrever e não de provar, de justificar, de tornar verossímil. (DUCROT, 2009, p. 22)

Com o intuito de formalizar as análises semânticas, cada bloco pode ser representado em um *quadrado argumentativo*. Um dos quadrados conteria os aspectos:

A DC B

A PT neg B

neg A PT B

neg A DC neg B

Ducrot (2005) exemplifica tais aspectos através do bloco semântico *o tempo que traz*. Assim sendo, os aspectos acima poderiam ser descritos nos encadeamentos:

É tarde, portanto, Pedro está em seu escritório.

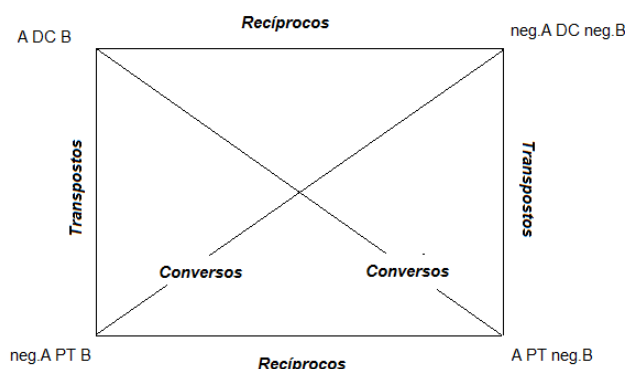
É tarde, no entanto, Pedro não está em seu escritório.

Não é tarde, no entanto, Pedro está em seu escritório.

Não é tarde, portanto, Pedro não está em seu escritório.

O quadrado abaixo formaliza o bloco semântico *o tempo que traz*:

Figura 2: Quadrado argumentativo 1 “O tempo que traz”



Fonte: ALDROVANDI (2014)

A partir das relações explicitadas nos quadrados argumentativos, podemos perceber que os *tempos* descritos por Ducrot são, de fato, dois tempos diferentes. No quadrado um, o

aspecto **A DC B** pode ser desenvolvido no encadeamento **É tarde, portanto Pedro está em seu escritório**. Isto é, o tempo faz com que as coisas aconteçam, é o *tempo que traz*. No quadrado dois, abaixo, por outro lado, temos o aspecto **A DC neg B**, que pode gerar o encadeamento **É tarde, portanto, Pedro não está em seu escritório**, indicando que ele já saiu, pois aqui o tempo leva as pessoas embora, é o *tempo que leva*.

O bloco semântico *o tempo que leva*, traria os seguintes aspectos.

A DC neg B

A PT B

neg A DC B

neg A PT neg B

Os encadeamentos gerados por esses aspectos seriam:

É tarde, portanto, Pedro não está em seu escritório.

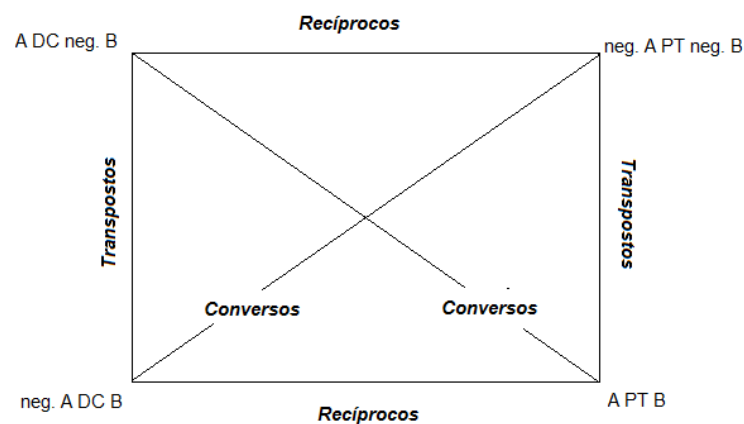
É tarde, no entanto, Pedro está em seu escritório.

Não é tarde, portanto, Pedro está em seu escritório.

Não é tarde, no entanto, Pedro não está em seu escritório.

O quadrado abaixo formaliza o bloco semântico 2, *o tempo que leva*.

Figura 3: Quadrado argumentativo 2 “*O tempo que leva*”



No quadrado argumentativo, os aspectos entram em relações chamadas de *recíprocas*, *conversas* e *transpostas*. Em uma relação *recíproca*, o termo positivo de um lado, é negado no outro, e o mesmo conector é utilizado. No quadrado, temos os seguintes aspectos recíprocos:

A DC B -> neg A DC neg B

neg A PT B -> A PT neg B

Já no quadrado dois temos:

A DC neg B -> neg A DC B

neg A PT neg B -> A PT B

Em uma relação *conversa*, o primeiro termo permanece, o conector é trocado e o segundo segmento é negado. Dessa forma, os aspectos conversos do quadrado um são:

A DC B -> A PT neg B

neg A PT B -> neg A DC neg B

Os aspectos conversos do segundo quadrado são:

A DC neg B -> A PT B

neg A PT neg. B -> neg A DC B

Por fim, a relação *transposta* é aquela na qual o primeiro termo é negado, o conector é trocado e o segundo termo permanece. Os aspectos transpostos do primeiro quadrado são:

A DC B -> neg A PT B

neg A DC neg B -> A PT neg B

Os termos transpostos no segundo quadrado são:

A DC neg B -> neg A PT neg B

neg A DC B -> A PT B

Os encadeamentos representados pelos quadrados argumentativos estão em relações discursivas. Isto é, eles mantêm a mesma interdependência semântica, mas cada um advém de um aspecto diferente: se um locutor enuncia **É tarde, portanto Pedro está em seu escritório**, outro locutor pode contestar essa afirmação dizendo **É tarde, no entanto, Pedro não está em seu escritório**. Ambos os enunciados pertencem ao mesmo bloco semântico *o tempo que traz*, mas cada um indica um ponto de vista. Os pontos de vista são formalizados pelos aspectos

argumentativos. Os aspectos têm por objetivo descrever o sentido de entidades semânticas, sejam elas palavras ou enunciados. Na descrição das entidades semânticas, os linguistas perceberam que se podem atribuir duas formas de argumentação: uma *argumentação externa* (AE) e uma *argumentação interna* (AI).

A *argumentação externa* de uma entidade consiste nos encadeamentos que podem ser feitos a partir dela, ou nos encadeamentos que chegam até ela. Isto é, a entidade linguística é parte do encadeamento. Diz-se que as entidades linguísticas têm argumentação externa à *direita* e à *esquerda*. A *argumentação externa à direita* consiste nos encadeamentos que dão continuidade à palavra. Um exemplo de argumentação externa à direita de *prudente* seria:

Pedro é prudente, portanto não sofrerá acidentes.

A *argumentação externa à esquerda* consiste nos encadeamentos que chegam até a entidade, isto é, em que a entidade linguística faz parte do segundo segmento. Um exemplo de argumentação externa à esquerda de *prudente* seria:

Ele tem medo, no entanto não é prudente.

As argumentações externas das entidades linguísticas podem ser tanto normativas (em DC) quanto transgressivas (em PT), como visto nos exemplos acima. Isso significa que uma argumentação externa apresenta aspectos conversos, aqueles representados pela diagonal no quadrado argumentativo, em que se modifica o conector e se nega o segundo segmento. Como exemplo de aspectos conversos na AE de *prudente* tem-se:

prudente DC precaução

prudente PT neg precaução

Quanto à *argumentação interna*, trata-se de uma descrição da significação da entidade. É feita através de paráfrases. Dessa forma, a entidade linguística não faz parte do aspecto ou encadeamento, diferente das *argumentações externas*. Além disso, as AI não apresentam aspectos conversos. Se mudarmos o conector e negarmos o segundo segmento de um aspecto, o novo aspecto será a AI de outra entidade linguística. Tomemos a AI de *inteligente* como exemplo:

é difícil PT entende

Seu aspecto converso é:

é difícil DC neg entende

Esse aspecto corresponde à AI de *inteligência normal*, não extraordinária.

Levantam-se as AE e AI das entidades linguísticas como uma forma de explicitar seus sentidos. Esse levantamento só é realizado quando for pertinente para a análise. Para Ducrot (1980), esse processo de busca e explicitação dos sentidos das entidades são hipóteses teóricas e, a partir dessas hipóteses, pode-se chegar a um maior conhecimento da língua. O linguista diz:

Uma pesquisa visando unicamente, como a nossa, explicitar as ligações existentes entre certas hipóteses teóricas e certa interpretação das produções de linguagem torna-se, nessa perspectiva, uma contribuição efetiva ao conhecimento da língua.

Mas essa concepção metodológica permite, igualmente, - esta é a conclusão que me interessa aqui - que a linguística tenha na análise de texto um papel incitativo, que ela seja não somente uma fonte de exemplos, mas também uma geradora de interpretações. Para mostrá-lo, basta lembrar que os fatos, para a semântica linguística, são os sentidos dos enunciados encontrados em discursos reais ou imaginários: seu modelo teórico é um sistema de atribuição de significados às frases. (DUCROT, 1980, cap.1, s/p, tradução nossa)

Em outras palavras, a análise de textos é enriquecida pela ANL, uma vez que, a partir desse tipo de análise, pode-se tomar um maior conhecimento da língua, já que se faz uma relação entre o discurso, ou seja, a materialização, e o sistema da língua, isto é, a abstração subjacente à concretude do discurso.

É isso que propomos fazer com nossa pesquisa. Como a Linguística Textual é uma teoria descritiva, ela busca descrever os fenômenos *coesão* e *coerência* em todos os processos anteriormente mencionados. Nós tomaremos os fenômenos tais quais vistos pela LT e proporemos um novo olhar sobre eles: um olhar explicativo, que buscará no sistema da língua, a partir da aplicação dos conceitos da ANL, a explanação sobre as relações semânticas mantidas pelas entidades linguísticas nos discursos, ou seja, focalizaremos nos processos de construção de sentido.

Aplicaremos os conceitos em discursos do gênero *crônica* que será definido na subseção seguinte.

2.3 Crônica

Nesta subseção, abordaremos o gênero crônica, fazendo um breve panorama desde seu início com o *folhetim*, passando pelos temas de que se ocupam as crônicas, bem como suas

características mais relevantes. É válido ressaltar que as análises são feitas em crônicas porque se trata de um gênero textual comum nas salas de aula, contudo, isso não implica dizer que os resultados seriam diferentes em se tratando de outros gêneros textuais. A argumentação está **na** língua, independentemente do gênero discursivo. Muito provavelmente, ao se fazer o mesmo tipo de análise em outros gêneros textuais, os resultados obtidos seriam os mesmos.

Como dito acima, a crônica teve sua origem nos antigos folhetins. Segundo Antonio Candido (1981), um folhetim era um espaço no rodapé dos jornais em que se escrevia sobre os temas do cotidiano, fossem eles políticos, artísticos ou sociais. Com o passar do tempo, o folhetim teve seu tamanho diminuído, o tom da linguagem passou a ser mais casual e, dessa forma, surgiu a crônica como a conhecemos hoje.

O nome *crônica* sugere, a partir de sua etimologia, uma ligação com o tempo. Como vimos, em seu princípio, tratava-se de um texto preocupado em relatar os fatos relevantes da sociedade, ou seja, tinha caráter puramente jornalístico. A crônica nunca perdeu esse caráter de narrar fatos, mas “sem perder seu caráter de narrativa e registro, incorpora uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador” (Souza Neves, 1992, p. 82). Ou seja, o texto deixa de ser um relato imparcial e passa a revelar as opiniões e pontos de vista do autor sobre o tema abordado.

Além do caráter mais subjetivo que a crônica assumiu, a linguagem do texto também sofreu mudanças. Candido (1981, p. 15) afirma: “Ao longo desse percurso, [*a crônica*] foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixado a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada [...]”. Devido a essa linguagem casual da crônica, Jorge de Sá (2005) a considera como um gênero *jornalístico-literário*. Esse conceito se deve, além da linguagem, à união de relato de fatos à subjetividade explícita que o autor marca em seus textos. Assim sendo, Sá considera o cronista um *narrador-repórter* (2005, p. 8). Para ele, a crônica assume esse caráter literário que não somente registra o acontecido, mas tem um olhar “subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real” (2005, p. 9). Isto é, a crônica vai muito além do relato, típico de notícias, ela interpreta os fatos e, até mesmo, recria a realidade.

A realidade e o momento presente são importantes para a composição de uma crônica. Assim sendo, Sá (2005, pag. 6) afirma que o princípio fundamental da *crônica* é “registrar o

circunstancial”. Isso imprime à crônica um caráter efêmero, ou seja, uma duração curta. Essa brevidade se deve ao fato de ela estar intimamente relacionada às notícias e reportagens presentes no mesmo jornal, ou revista, em que aparece. Sendo assim, o tempo de uma crônica é relativo ao tempo em que o fato abordado é relevante.

Por seu caráter circunstancial, a crônica, geralmente, tem por tema algum fato relevante à sociedade no momento, porém, algumas vezes, o tema de uma crônica é “um pequeno acontecimento do dia a dia, que poderia passar despercebido ou relegado à marginalidade por ser considerado insignificante” (Sá, 2005, pag. 11). Vinícius de Moraes, em sua crônica *O exercício da crônica* elenca os temas dos quais os cronistas se servem. Ele diz que o cronista:

[...] busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. (VINÍCIUS DE MORAES, 2010, p. 15)

Esse excerto confirma o que foi dito por Sá: nem sempre a crônica tratará de um assunto grandioso, por vezes, ela mostrará um ponto de vista mais sensível e mais perspicaz sobre algo relativamente simplório, algo comum ao cotidiano.

Por tratar de assuntos cotidianos, a crônica tem, como dito anteriormente, uma duração muito curta. Essa transitoriedade é, de certa forma, amenizada quando uma crônica passa a integrar um livro. As referências às circunstâncias externas são praticamente eliminadas. Sá (2005, pag. 83) diz que “com isso, o texto adquire maior independência, e o leitor fica estimulado a buscar, no seu próprio imaginário, todas as associações possíveis”. A durabilidade que a crônica adquire ao fazer parte de um livro não é incidental. Geralmente, os textos que integram um compêndio são os que “não envelheceram devido à sua excessiva circunstancialidade” (Sá, 2005, 83).

A partir do que foi analisado até o momento sobre o gênero *crônica*, percebe-se que se trata de textos cujas características são um tanto maleáveis: forma e conteúdo podem sofrer variações. Uma crônica pode ser mais militante, enquanto outra pode ser mais cômica. O que é comum a todas, no entanto, é a maneira leve de abordar assuntos cotidianos. Por esse caráter

de leveza e por ser, muitas vezes, uma leitura rápida, a crônica é amplamente usada em salas de aula. Essa utilização justifica nossa escolha pelo gênero neste trabalho.

Após elucidar os conceitos teóricos que embasam esta pesquisa, desde a Linguística Textual e suas concepções sobre *texto*, *coesão* e *coerência*; passando pela ANL e a conceituação de *enunciado*, *discurso*, *encadeamento argumentativo*, *aspecto argumentativo*, *argumentação interna e externa*, dentre outros; e finalizando com a definição de *crônica*, partiremos, agora, para as análises dos discursos selecionados. Na sequência, faremos a discussão dos resultados, e, por fim, elaboraremos as considerações finais sobre o trabalho.

3 Metodologia e Análise

Nesta seção, explicaremos, inicialmente, a metodologia utilizada para alcançar os objetivos deste trabalho, depois desenvolveremos as análises a partir da aplicação dos conceitos da ANL- TBS em discursos, e, por fim, realizaremos a discussão dos resultados.

3.1 Metodologia

Para que se possam atingir os objetivos deste trabalho, explicar os fenômenos *coesão* e *coerência* a partir da perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, faremos a aplicação dos conceitos da ANL em discursos. A fim de alcançar os objetivos propostos, pretendemos responder às seguintes questões norteadoras:

- Como a coesão e a coerência textual podem ser estudadas em termos da Teoria da Argumentação na Língua?
- De que forma as relações entre os blocos semânticos presentes em um discurso podem ser responsáveis pelos fenômenos de coesão e coerência?

O *corpus* a ser analisado será composto de discursos escritos em língua portuguesa. Serão utilizados discursos do gênero *crônica*, acima descrito. A escolha se justifica por ser esse um gênero amplamente empregado em sala de aula. As crônicas selecionadas para este estudo são: *Invólucros*, de Luís Fernando Veríssimo; *Não dê sua opinião*, de David Coimbra; e *Em caso de despressurização*, de Martha Medeiros. A opção por esses cronistas se deve ao fato de eles escreverem semanalmente em um jornal de grande circulação no estado. Isso permite que professores e alunos tenham fácil acesso às suas crônicas. Todas as crônicas analisadas encontram-se na íntegra antes de cada análise.

O *corpus* será analisado de acordo com o roteiro abaixo, por meio do qual aplicaremos os conceitos de *encandeamentos* e *aspectos argumentativos*, *interdependência semântica*, *bloco semântico*, *argumentação interna* e *argumentação externa*, todos concebidos pela Teoria dos Blocos Semânticos.

- Levantar as argumentações internas ao léxico;
- Levantar as argumentações externas ao léxico;

- Levantar as argumentações internas aos enunciados;
- Identificar como os articuladores presentes nos discursos marcam as relações entre os enunciados e, conseqüentemente, interferem na construção do sentido;
- Identificar de que forma os articuladores presentes *entre* os enunciados auxiliam na progressão no discurso promovida pelos enunciados;
- Identificar de que forma os blocos semânticos são articulados para promover a progressão no discurso.

As análises não seguem, necessariamente, a mesma seqüência dos itens acima citados. As argumentações internas e externas, ao léxico e aos enunciados, só serão levantadas quando se fizerem relevantes para a compreensão do sentido do discurso. Na próxima subseção, estão as análises realizadas.

3.2 Análise das Crônicas

3.2.1 *Invólucros*, de Luís Fernando Veríssimo

Discurso 1: *Invólucros* – Luís Fernando Verissimo

Telefones celulares, agendas eletrônicas e computadores portáteis cada vez mais compactos, e, portanto com teclas cada vez menores, pressupõem usuários com dedos finos. Se vale a teoria da seleção natural de Darwin, as pessoas com dedos grossos se tornarão obsoletas, não se adaptarão ao mundo da microtecnologia e logo desaparecerão. E os dedos finos dominarão a Terra. Há quem diga que, como os miniteclados impossibilitam a datilografia tradicional e, com o advento das calculadoras, os cinco dedos em cada mão perderam a sua outra utilidade prática, que era ajudar a contar até dez, os humanos do futuro nascerão só com três dedos em cada mão: o indicador para digitar (e para indicar, claro), o dedão opositor para poder segurar as coisas e o mindinho para limpar o ouvido.

Outra inevitável evolução humana será a pessoa já nascer com um dispositivo — talvez um dente adicional, cuneiforme, na frente — para desembulhar CDs e outras coisas envoltas em celofane, como quase tudo hoje em dia. E fiquei pensando no enorme aperfeiçoamento que seria se as próprias pessoas viessem envoltas numa espécie celofane em vez de pele. Imagine as vantagens que isto traria. No lugar de derme e epiderme, uma pele

transparente que permitisse enxergar todos os nossos órgãos internos, tornando dispensáveis o raio X e outras formas de nos ver por dentro. Bastaria o paciente tirar a roupa para o médico olhar através da sua pele e dar o diagnóstico, sem precisar apalpar ou pedir exames.

Está certo, seríamos horrorosos. Em compensação, a pele transparente seria um grande equalizador social. "Beleza interior" adquiriria um novo sentido e ninguém seria muito mais bonito que ninguém, embora alguns pudessem ostentar um baço mais bem acabado ou um intestino delgado mais estético, e o corpo de mulheres com pouca roupa ainda continuasse a receber elogios ("Que vesícula!"). Acabaria a inveja que as mulheres têm, uma da pele das outras, e a conseqüente necessidade de peelings, liftings, botox, etc. E como todas as peles teriam a mesma cor — cor nenhuma — estaria provado que somos todos iguais sob os nossos invólucros, e não existiria racismo.

Fica a sugestão, para quando nos redesenharem.

Análise 1:

Parágrafo 1: *Telefones celulares, agendas eletrônicas e computadores portáteis cada vez mais compactos, e, portanto com teclas cada vez menores, pressupõem usuários com dedos finos. Se vale a teoria da seleção natural de Darwin, as pessoas com dedos grossos se tornarão obsoletas, não se adaptarão ao mundo da microtecnologia e logo desaparecerão. E os dedos finos dominarão a Terra. Há quem diga que, como os miniteclados impossibilitam a datilografia tradicional e, com o advento das calculadoras, os cinco dedos em cada mão perderam a sua outra utilidade prática, que era ajudar a contar até dez, os humanos do futuro nascerão só com três dedos em cada mão: o indicador para digitar (e para indicar, claro), o dedão opositor para poder segurar as coisas e o mindinho para limpar o ouvido.*

Nesse primeiro parágrafo, o locutor começa a discutir o processo de evolução, partindo da teoria darwiniana, segundo a qual, há uma lei de seleção natural. Dessa forma, a palavra *obsoletas*, em relação ao parágrafo, desempenha uma importante função: determinar de que tipo de evolução o locutor fala. Por meio de sua argumentação interna **fora de uso DC inútil**, podemos explicitar o sentido de evolução sugerido no parágrafo. As pessoas de dedos grossos poderiam tornar-se obsoletas, isto é, perderiam sua função e seriam inúteis em um mundo microtecnológico. Por isso, desapareceriam.

Ainda falando da evolução humana, o locutor justifica o futuro nascimento de crianças com menos de cinco dedos em cada mão. Segundo ele, como a datilografia tradicional se

tornou obsoleta, não haverá mais necessidade de os humanos terem cinco dedos. Podemos explicitar essa relação, levantando a argumentação externa de *datilografia tradicional* pelo seguinte aspecto:

datilografia tradicional DC uso dos cinco dedos de cada mão

Esse aspecto está implícito no enunciado “*como os miniteclados impossibilitam a datilografia tradicional e, com o advento das calculadoras, os cinco dedos em cada mão perderam a sua outra utilidade prática*”. Compreendemos, assim, a continuação que o locutor deu a seu discurso: com o desaparecimento da datilografia tradicional, não há necessidade para cinco dedos em cada mão. Essa relação pode ser explicitada pela AE de *datilografia não tradicional*, que é um aspecto recíproco a *datilografia tradicional*:

datilografia não tradicional DC neg uso dos cinco dedos de cada mão

Esse último aspecto está explícito no enunciado citado anteriormente, principalmente em “*perderam a sua outra utilidade prática*”.

O locutor utiliza o que a Linguística Textual chamaria de relação de causa e consequência e de condição entre segmentos do texto para fazer com que haja progressão temática, isto é, continuidade do seu discurso. Pelo viés da ANL, analisá-las-emos como uma relação de interdependência semântica, uma vez que cada segmento obterá seu sentido na relação com o outro. Um exemplo disso, é que *aparelhos eletrônicos* neste discurso, ligado a *teclas menores* tem o sentido de miniaturização, um tanto negativo, porque indica uma dificuldade. Em outro contexto, poderia ser positivo, caso fosse usado em um discurso que comparasse a facilidade de se levar um celular moderno no bolso à impossibilidade de que isso acontecesse quando do seu surgimento, uma vez que eram muito grandes e pesados. Essas relações estão presentes nas argumentações internas dos enunciados:

aparelhos eletrônicos compactos DC teclas menores

teclas menores DC usuários de dedos finos

preferência para usuários de dedos finos DC usuários de dedos grossos se tornarão obsoletos

usuários de dedos grossos obsoletos DC desaparecimento

desaparecimento de usuários com dedos grossos DC domínio da terra por usuários de dedos finos

domínio da terra por usuários de dedos finos DC evolução darwiniana

Percebemos que o autor faz retomadas que mantêm o tema e lhe dão progressão, concomitantemente. Seus enunciados todos orientam para uma mesma continuação: a evolução darwiniana. Os encadeamentos abaixo representam as retomadas e a progressão:

miniteclados DC neg datilografia tradicional

neg datilografia tradicional DC neg utilidade dos cinco dedos da mão

advento das calculadoras DC neg necessidade dos dedos para contar

neg necessidade dos dedos para contar DC neg utilidade dos cinco dedos da mão

neg utilidade dos cinco dedos da mão DC crianças futuras nascerão com menos dedos

crianças futuras nascerão com menos dedos DC evolução darwiniana

Outro recurso utilizado pelo locutor para dar progressão ao tema é o uso de articuladores, isso porque eles marcam as relações entre os enunciados, fazendo com que haja uma continuidade temática. No enunciado “*Telefones celulares, agendas eletrônicas e computadores portáteis cada vez mais compactos, e, portanto com teclas cada vez menores, pressupõem usuários com dedos finos*”, o autor utiliza o articulador *portanto*. Esse articulador une os dois segmentos em uma relação que a Linguística Textual chamaria de causa e consequência. A ANL vê a união dos segmentos como interdependência semântica, como mencionado anteriormente, já que um segmento depende do outro para alcançar a completude de seu significado para aquele contexto. Essa interdependência semântica pode ser representada pelo aspecto **eletrônicos compactos DC teclas menores**.

Como dito acima, esse aspecto dá uma ideia negativa ao termo *compacto*. Isso porque aponta para uma dificuldade na digitação, que pode ser expresso no seguinte aspecto, que é uma AE de *compacto*:

datilografia em celular compacto DC neg datilografia tradicional

Nesse caso, a impossibilidade de haver datilografia tradicional é um empecilho. Contudo, poderíamos, em outro contexto, utilizar o primeiro segmento *eletrônicos compactos* e relacioná-lo a *pouco peso*, apontando para uma vantagem de o aparelho ser compacto, já que o peso menor facilitaria a portabilidade do celular, exemplificado no aspecto:

pouco peso DC fácil portabilidade

Ainda no mesmo enunciado, temos o articulador *e*, logo antes de *portanto*. Ele tem a função de reforçar a ideia marcada em *portanto* pela relação das entidades por ele relacionadas, já que não é utilizado como um elementos de soma, como a Linguística Textual o apresenta. Não há uma soma das características dos eletrônicos de serem compactos e terem teclas pequenas: a característica *ter teclas pequenas* se deve ao fato de os eletrônicos serem mais compactos. Ou seja, uma característica entra em relação de interdependência semântica com a outra.

No enunciado “*Se vale a teoria da seleção natural de Darwin, as pessoas com dedos grossos se tornarão obsoletas, não se adaptarão ao mundo da microtecnologia e logo desaparecerão*”, temos o articulador *se*, que expressa condição, segundo a LT: no caso de a teoria da evolução darwiniana ser válida, as pessoas de dedos grossos desapareceriam. Essa relação pode ser expressa por meio de dois aspectos, que são a argumentação interna ao enunciado, ambos explicitando a ideia de evolução, abordada pelo primeiro parágrafo:

validade da teoria darwiniana DC desaparecimento de pessoas com dedos grossos

desaparecimento de pessoas com dedos grossos DC evolução

No enunciado acima citado e neste “*E os dedos finos dominarão a Terra*”, temos o articulador *e* utilizado duas vezes. Em nenhuma delas ele tem o papel de soma, como indica a gramática tradicional. Em ambos os casos, o articulador explicita uma relação de interdependência semântica entre os segmentos: “*Se vale a teoria da seleção natural de Darwin, as pessoas com dedos grossos se tornarão obsoletas, não se adaptarão ao mundo da microtecnologia e logo desaparecerão. E os dedos finos dominarão a Terra*”. A primeira delas explicita o bloco semântico **o que não tem necessidade desaparece**, representado no aspecto:

neg adaptar-se ao novo DC desaparecer

Nesse ponto do discurso, o bloco semântico é outro: **o que tem necessidade não desaparece** representado pelo aspecto **necessário DC se mantém**, implícito no enunciado. O que o locutor explicita em seu enunciado é o aspecto recíproco a esse: **neg necessário DC neg se mantém**.

No enunciado “*Há quem diga que, como os miniteclados impossibilitam a datilografia tradicional e, com o advento das calculadoras, os cinco dedos em cada mão perderam a sua outra utilidade prática [...]*”, o articulador *e* é novamente utilizado. Desta vez, relacionando

duas razões pelas quais não será mais necessário que as pessoas tenham cinco dedos em cada mão à evolução. Novamente, não se trata de uma mera soma. Ambas as razões pertencem ao mesmo bloco semântico **o que não tem necessidade desaparece**, e podem ser representadas pelo aspecto acima citado **neg necessário DC neg se mantém**. O aspecto pode ser desenvolvido nos seguintes encadeamentos:

Como não utilizamos mais os cinco dedos da mão para digitar, não precisamos mais deles.

Como não fazemos mais contas com os dedos, não precisamos mais deles.

Assim sendo, pode-se resumir o parágrafo nos aspectos recíprocos: **necessário DC se mantém e neg necessário DC neg se mantém**.

Partimos agora para análise do segundo parágrafo:

Parágrafo 2: Outra inevitável evolução humana será a pessoa já nascer com um dispositivo — talvez um dente adicional, cuneiforme, na frente — para desembrulhar CDs e outras coisas envoltas em celofane, como quase tudo hoje em dia. E fiquei pensando no enorme aperfeiçoamento que seria se as próprias pessoas viessem envoltas numa espécie de celofane em vez de pele. Imagine as vantagens que isto traria. No lugar de derme e epiderme, uma pele transparente que permitisse enxergar todos os nossos órgãos internos, tornando dispensáveis o raio X e outras formas de nos ver por dentro. Bastaria o paciente tirar a roupa para o médico olhar através da sua pele e dar o diagnóstico, sem precisar apalpar ou pedir exames.

No primeiro parágrafo, a descrição da argumentação interna da entidade lexical *obsoletas* auxiliou na compreensão da continuidade dada pelo locutor ao seu discurso. Da mesma forma, a descrição da entidade *aperfeiçoamento*, do segundo parágrafo, nos permite compreender melhor a continuação do discurso. Podemos representá-la por meio do aspecto **evolução DC melhora**. Assim, retoma-se o tema do primeiro parágrafo que era *evolução* e se dá continuidade a ele, mostrando as vantagens da evolução humana. Outra entidade que, neste ponto, tem importância fundamental para a continuidade do texto é *vantagens*. Da mesma forma que *aperfeiçoamentos*, ela explicita o sentido de evolução abordado pelo parágrafo. A evolução levaria a uma espécie superior de humanos e tal superioridade traria benefícios. Podemos representar sua argumentação interna em **superioridade DC benefício**.

Se no primeiro parágrafo o autor enfatizou a ideia de desaparecimento daquilo que não é útil, utilizando *obsoletas*, no segundo, ele aborda o aparecimento de características que seriam úteis aos seres humanos, já que se adaptariam às necessidades do mundo moderno. Esse é o parágrafo que retoma mais fortemente o título do texto: *Invólucros*. O locutor diz que muitas das coisas adquiridas pelos humanos vêm envoltas em celofane, o que exigiria um dispositivo especial para abri-las. Percebe-se isso pelo seguinte aspecto, que seria a argumentação interna de invólucro: **fechado DC impede o acesso**.

O locutor retoma, de forma implícita, o aspecto **fechado DC impede acesso** na sequência de seu discurso, quando diz que seria uma vantagem ao ser humano nascer envolto em celofane, em vez de pele. O que o locutor explicita é o aspecto converso a **fechado DC impede acesso** que é **fechado PT neg impede o acesso**. Os exames de imagem são a forma que os médicos utilizam para “ver por dentro”, ou seja, de ter acesso ao interior do corpo humano. Com a pele de celofane, isso seria mais fácil: embora o corpo do ser humano continuasse fechado, os médicos poderiam fazer os exames através da pele de celofane. Portanto, a pele de celofane seria um aperfeiçoamento da espécie, uma vantagem sobre a forma atual do corpo humano. Podemos explicitar esse sentido por meio da argumentação externa de *pele de celofane*: **pele de celofane DC vantagem**. Implícito ao enunciado está seu aspecto recíproco que corresponde ao humano de hoje: **neg pele de celofane DC neg vantagem**.

No primeiro parágrafo o locutor apresenta a evolução como o desaparecimento de seres com características desnecessárias e, até mesmo, o de partes do corpo desnecessárias aos humanos. Nesse segundo parágrafo, o autor explicita outras duas formas pelas quais o ser humano poderia evoluir. Uma delas é o surgimento de um dente especial para abrir invólucros de celofane. O enunciado “*Outra inevitável evolução humana será a pessoa já nascer com um dispositivo — talvez um dente adicional, cuneiforme, na frente — para desembrulhar CDs e outras coisas envoltas em celofane, como quase tudo hoje em dia*” pode ser descrito em termos da ANL pela sua argumentação interna, representada nos seguintes aspectos:

necessidade de abrir DC criação de dispositivo

dispositivo natural ao homem DC evolução

A outra forma de evolução é o surgimento da pele de celofane, como mencionada acima, sugerida pelo próprio locutor como uma solução a outro problema da vida humana: a descoberta de doenças. Podemos dizer que há interdependência semântica entre *evolução* e

pele de celofane, pois é este o tipo de evolução a que o locutor se refere agora, e não à evolução mencionada no primeiro parágrafo, que faria desaparecer os sujeitos de dedos grossos. Tal interdependência semântica pode ser explicitada pela argumentação externa de *evolução*:

pele de celofane DC evolução

Da mesma forma que no primeiro parágrafo, no segundo o locutor se utiliza de articuladores para marcar a progressão temática. No enunciado “*Outra inevitável evolução humana será a pessoa já nascer com um dispositivo — talvez um dente adicional, cuneiforme, na frente — para desembrulhar CDs e outras coisas envoltas em celofane, como quase tudo hoje em dia*”, temos a conjunção *para* que a gramática tradicional classifica como *final*. Esse articulador *para* marca a relação argumentativa entre os dois segmentos, que, em termo da ANL chamamos de interdependência semântica. Essa relação entre os segmentos unidos por *para* pode ser descrita no aspecto **ter dente cuneiforme DC ter capacidade de abrir celofane**. Não se trata de qualquer tipo de dente cuneiforme, é um dente cuneiforme com a função de abrir invólucros de celofane.

No enunciado “*E fiquei pensando no enorme aperfeiçoamento que seria se as próprias pessoas viessem envoltas numa espécie celofane em vez de pele*”, temos o articulador *e*. Esse articulador introduz um novo tópico ao discurso, ou seja, faz com que o tema *evolução* progrida, mas o mantém. O tópico introduzido é o da pele de celofane.

No mesmo enunciado, temos o condicional *se*. Ele cria uma interdependência semântica entre *evolução* e *nascer envolto em celofane*, uma vez que se trata especificamente desta evolução da pele em celofane, e não de outra qualquer. Podemos explicitar o significado dessa relação no aspecto **pele de celofane DC evolução**, já levantado.

Além dos articuladores analisados, pode-se perceber a progressão temática por meio do léxico. No primeiro parágrafo, o bloco semântico desenvolvido foi *o que não tem necessidade desaparece*, representado por **neg necessidade DC desaparecimento**. No segundo parágrafo, temos o bloco *o que pode ser necessário deve surgir*. O locutor desenvolve essa ideia, sugerindo duas modificações no corpo humano, o nascimento de um dente especial para abrir invólucros, e a substituição da pele por celofane. Ambas as mudanças seriam de grande utilidade para o ser humano. Podemos explicitar o sentido desse bloco no aspecto **necessidade DC surgimento** e desenvolvê-lo nos encadeamentos:

O dente cuneiforme é útil para abrir invólucros de celofane, que são extremamente comuns, por isso os humanos devem nascer com ele.

A pele de celofane seria útil para facilitar as consultas médicas, dessa forma os humanos devem nascer envoltos em celofane.

É importante salientar que ambos os blocos, do primeiro e do segundo parágrafo, orientam para a ideia de evolução do ser humano.

Analisaremos, na sequência, o parágrafo três:

Parágrafo 3: *Está certo, seríamos horrorosos. Em compensação, a pele transparente seria um grande equalizador social. "Beleza interior" adquiriria um novo sentido e ninguém seria muito mais bonito que ninguém, embora alguns pudessem ostentar um baço mais bem acabado ou um intestino delgado mais estético, e o corpo de mulheres com pouca roupa ainda continuasse a receber elogios ("Que vesícula!"). Acabaria a inveja que as mulheres têm, uma da pele das outras, e a conseqüente necessidade de peelings, liftings, botox, etc. E como todas as peles teriam a mesma cor — cor nenhuma — estaria provado que somos todos iguais sob os nossos invólucros, e não existiria racismo.*

Uma palavra de grande importância no terceiro parágrafo é *equalizador*. É por meio da relação entre *equalizador* e as demais entidades lexicais presentes no parágrafo que o locutor dá continuidade ao seu discurso. Nos dois primeiros parágrafos, o autor fala da evolução humana que ocorre de duas formas: uma que faz com que elementos inúteis ao novo mundo desapareçam, e outra que faz com que surjam novas características necessárias. No terceiro parágrafo, o locutor apresenta outra forma de evolução humana. A evolução, a que o locutor se refere neste momento, é aquela que vai acabar com as diferenças entre os seres humanos, e, por conseqüência, com os problemas decorrentes dela. Podemos explicitar isso por meio da argumentação interna de *equalizador*, no contexto desse parágrafo:

pele transparente DC neg diferenças raciais.

Se *equalizador* é uma palavra relevante para o discurso, a palavra *racismo* também é. Elas estão semanticamente relacionadas, uma vez que *equalizador*, nesse discurso, compreende um elemento que torna a cor da pele igual. Sendo assim, se faz necessário levantar a argumentação interna de *racismo*. Sua argumentação interna pode ser **diferença DC preconceito**. Assim, a palavra *equalizador* completa seu efeito semântico, através do aspecto recíproco ao de racismo: **neg diferença DC neg preconceito**. Haveria, dessa forma,

uma evolução não apenas física, mas também moral. Para o locutor, as diferenças físicas, tanto no quesito cor da pele, quanto formas do corpo, são causa de inveja entre as mulheres, e de racismo para a população em geral. Acabando-se com as diferenças, os problemas acabariam.

Se no segundo parágrafo a pele de celofane seria útil à descoberta de doenças, pois facilitaria sua investigação, no terceiro ela é útil para pôr fim às desigualdades físicas que causam problemas, como o racismo. Podemos explicitar o sentido do enunciado “*E como todas as peles teriam a mesma cor — cor nenhuma — estaria provado que somos todos iguais sob os nossos invólucros, e não existiria racismo*”, por meio do aspecto **neg cor de pele DC igualdade**. Esse aspecto retoma a ideia central do parágrafo, sintetizada no aspecto **evolução DC igualdade**.

Como nos parágrafos anteriores, a progressão temática também está marcada, nesse parágrafo, por meio dos articuladores. No enunciado “*‘Beleza interior’ adquiriria um novo sentido e ninguém seria muito mais bonito que ninguém, **embora** alguns pudessem ostentar um baco mais bem acabado ou um intestino delgado mais estético, e o corpo de mulheres com pouca roupa ainda continuasse a receber elogios (“Que vesícula!”)*”, temos o articulador *e*. Ele relaciona a ideia da pele como equalizador social e o novo conceito de beleza à ideia de que, por causa disso, ninguém seria mais bonito que ninguém. Há interdependência semântica entre os segmentos, pois não se trata de outro tipo de igualdade social, como a financeira, por exemplo, mas a igualdade de aparências. Podemos representar essa relação no encadeamento:

Como não há mais diferenças físicas, não há pessoas mais bonitas do que as outras.

Na sequência de seu discurso, o locutor utiliza o articulador *embora*, ainda no mesmo enunciado. Esse articulador, classificado como concessivo na gramática tradicional, demonstra que a igualdade citada pelo locutor é apenas em relação à pele, porque os órgãos internos podem ter aparências diferentes. Podemos explicitar o sentido dessa relação em **pele igual PT órgãos de aparências distintas**. O articulador *embora* marca uma mudança na direção da orientação argumentativa da expressão *pele igual*. Isto é, marca a transgressão na *norma linguística*. Se levantássemos a AE de *pele igual* em um aspecto normativo, poderíamos ter:

pele igual DC igualdade total

No entanto, não é esse o ponto de vista que o locutor apresenta em seu discurso. Podemos explicitar o ponto de vista assumido pelo locutor no discurso pelo seguinte encadeamento:

Mesmo que a cor da pele seja igual, os órgãos internos mantêm aparências distintas.

O locutor continua seu discurso com o articulador *e*, no mesmo enunciado, afirmando que como os órgãos internos teriam aparências diferentes, os elogios às mulheres continuariam. Explicitamos o sentido dessa relação no aspecto **órgãos de aparência diferentes DC elogios aos órgãos mais bonitos**.

No enunciado “*Acabaria a inveja que as mulheres têm, uma da pele das outras, e a consequente necessidade de peelings, liftings, botox, etc.*”, temos mais um *e*. Ele relaciona a ideia de igualdade da pele ao fim das práticas estéticas que visam torná-la mais bonita. Mostramos essa relação em **igualdade da pele DC neg tratamentos estéticos**.

O primeiro articulador *e* no enunciado “*E como todas as peles teriam a mesma cor — cor nenhuma — estaria provado que somos todos iguais sob os nossos invólucros, e não existiria racismo*” expressa ainda outro tipo de igualdade da pele: a cor. Explicitamos essa relação em **pele igual DC cor igual**.

O segundo articulador *e* do enunciado relaciona a igualdade da cor ao fim do racismo. A relação pode ser vista em **cor igual DC neg diferença exterior e neg diferença exterior DC neg racismo**, o que retoma a ideia central do parágrafo que é **evolução DC igualdade**.

Como dissemos anteriormente, os articuladores marcam a progressão temática no discurso. Contudo, há, também, uma continuidade do tema central: evolução. Pode-se dizer que há, no terceiro parágrafo, uma retomada do bloco semântico do primeiro parágrafo: *o que não tem necessidade desaparece*. Isso porque o autor sugere o fim dos julgamentos de beleza, o fim da inveja, o fim dos tratamentos estéticos e o fim do racismo. Todos sem utilidade para a sociedade. Podemos expressar essas relações em:

igualdade DC neg julgamento de beleza

igualdade DC neg inveja

igualdade DC neg tratamentos estéticos

igualdade DC neg racismo

A ideia de evolução permanece no terceiro parágrafo. Como citado anteriormente, é a evolução que leva à igualdade. No terceiro parágrafo, o autor desenvolve seu discurso sobre esse sentido de evolução. Vemos que há uma progressão temática. O autor parte da evolução negativa, no primeiro parágrafo, que põe fim a um grupo de pessoas com certas características, para a que é positiva, pois leva à melhor adaptação ao mundo moderno, e depois a uma mais positiva ainda, que põe fim a um problema social: o racismo. Sendo assim, a ideia de *evolução* é mantida no decorrer de todo o texto. No entanto, em cada parágrafo ela assume sentidos particulares, devido a sua relação de interdependência semântica com outras palavras. No primeiro parágrafo, o sentido de evolução foi traduzido nos aspectos recíprocos: **necessário DC se mantém e neg necessário DC neg se mantém**. Isto é, aquilo que não serve ao ser humano desapareceria, mas o que é útil deveria permanecer. *Evolução* assume esse valor na relação com a palavra *obsoletas* e a expressão *utilidade prática*, respectivamente. No segundo parágrafo, a evolução não acarreta apenas a permanência do que é útil, mas faz surgir o que é necessário a uma nova fase da vida humana. O aspecto desenvolvido pelo parágrafo é **necessidade DC surgimento**. Esse valor de *evolução* se dá em sua relação com *aperfeiçoamento*. Já no terceiro parágrafo, a evolução visa tornar os homens iguais e, por consequência, acabar com problemas causados pelas diferenças. Ela assume o valor do aspecto **evolução DC igualdade**, na relação com a palavra *equalizador*.

O esquema abaixo resume o sentido de *evolução* ao longo do texto:

Quadro 1: Sentido de *Evolução*

Parágrafo	Sentido de Evolução	Sentido obtido na relação com
1º	<i>necessário DC se mantém e neg necessário DC neg se mantém</i>	<i>Obsoleto e utilidade prática</i>
2º	<i>necessidade DC surgimento</i>	<i>Aperfeiçoamento</i>
3º	<i>evolução DC igualdade</i>	<i>Equalizador</i>

Fonte: ALDROVANDI (2014)

3.2.2 Não dê sua opinião, de David Coimbra

Discurso 2: Não dê sua opinião – David Coimbra

Dar opinião faz mal. Não falo sobre TER opinião, e sim de emití-la. Alguém aí vai dizer: olha quem está falando, justo ele, que a todo o momento dá opinião.

Não é verdade.

Escrevo muito acerca de muitas coisas, mas nem dou tanta opinião assim. E, se dou, importa-me menos a minha opinião e mais a forma como a expresso. Prefiro que alguém diga:

- Não concordo uma única lhufa contigo, mas o texto eu a-mei!

Do que:

- Concordo todas as lhufas contigo, mas o texto achei troncho.

Além disso, estou me esforçando bravamente para dar menos opiniões. É difícil. A todo momento solicitam minha opinião sobre algo. Sei que com você também é assim. Você é obrigado a votar, você é interrogado em pesquisas, você participa de interativas. Você lê um texto em um blog e ali em cima está escrito: “Comentários”. Quer dizer: estão instando-o a comentar o que leu. E, se você não comenta, você lê o que os outros comentaram. Aí fica com vontade de comentar também. De dar opinião. E isso faz mal.

Por quê?

Porque, ao expressar sua opinião, você a torna pública. As outras pessoas tomam conhecimento dela. Logo, você assume um compromisso com a sua opinião.

Você tomou partido.

Assim, os outros, que têm outras opiniões, diferentes da sua, não são contra a sua opinião: são contra você. E você é contra eles.

É isso que faz mal: atrelar-se à sua própria opinião como se fosse um dogma. Como se a sua opinião fizesse parte de você. Como se não fosse algo que você pudesse mudar quando bem entendesse. Você é uma vítima da coerência. Um subalterno da sua própria opinião. Alguém não concorda com ela e você fica furo. Não debate a outra opinião, ataca a outra pessoa:

“Só uma besta ruminante como você para dizer isso!”

Ao que o dono da outra opinião também se enfurece. Com certa razão – ele foi chamado de burro. Ele reage. Chama-o de pústula, sacripanta, galfarro e beleguim.

Pronto. A amargura da discórdia envenenará seu sangue, se espalhará pelo seu corpo, contaminará sua alma.

Sua opinião lhe fez mal.

Você se expressa, se expressa, sente necessidade de se expressar, de desfraldar sua opinião para que o mundo a veja. Você quer ser crítico, você critica. Então, desenvolve o hábito de, como crítico, ver o mundo e as outras pessoas pelo lado ruim. Porque um crítico, na sua concepção, é alguém que procura os defeitos nas coisas e os expõe.

Como dar a sua opinião e aceitar a dos outros serenamente, quem sabe até ponderar a respeito? Como não ficar dependente da própria opinião? Como não se tornar uma pessoa azeda, que em tudo coloca uma vírgula e depois da vírgula um mas?

Não faço ideia. Você faz?

Dê aí sua opinião.

Análise 2⁹:

Período 1: *Dar opinião faz mal. Não falo sobre TER opinião, e sim de emiti-la. Alguém aí vai dizer: olha quem está falando, justo ele, que a todo o momento dá opinião.*

Não é verdade

Nesse primeiro parágrafo, o locutor inicia o texto com uma asserção: dar opinião faz mal. Podemos explicitar o sentido desse enunciado por meio do aspecto: **dar opinião DC obter resultado ruim**. É relevante explicitar o sentido desse enunciado porque o sentido desse aspecto argumentativo permeará todo o texto. Pode-se dizer que o bloco semântico que perpassará todo o texto é: **Dar opinião traz resultados ruins**. No enunciado seguinte, contudo, o autor especifica que o que produz resultados negativos é a expressão da opinião, e não o fato de ter uma opinião. Poderíamos explicitar o sentido do segundo enunciado em: **ter opinião DC obter resultado bom**. O articulador *e* presente na primeira linha marca essa relação de diferença entre *dar opinião* e *ter opinião*. Vê-se, dessa forma, que, diferentemente da definição que a Gramática Tradicional dá ao articulador *e*, como sendo adicional, neste caso ele poderia ser substituído por *mas*, ou outro articulador tradicionalmente classificado como *adversativo*. Contrapondo os aspectos acima citados, nota-se claramente esse sentido:

dar opinião DC obter resultado ruim x ter opinião DC obter resultado bom

⁹ Esse discurso será analisado por períodos e não por parágrafos, pois há muitos parágrafos de apenas uma linha, o que tornaria a análise muito fragmentada.

Esses aspectos são as AI dos enunciados citados. Como podemos observar, são duas AI normativas. Contudo, a AI do terceiro enunciado seria uma AI transgressiva, como se o autor se contradissesse. Poderíamos representá-la por meio do aspecto: **dizer para não dar opinião PT dar opinião**. No entanto, o locutor não assume esse ponto de vista. Isso fica claro no enunciado: “*Não é verdade*”. Esse enunciado deixa implícito o aspecto que o locutor assume, que é o aspecto converso ao anterior: **dizer para não dar opinião DC neg dar opinião**. O locutor esclarece ainda mais seu ponto de vista nos próximos parágrafos. Passemos a eles.

Período 2: *Escrevo muito acerca de muitas coisas, mas nem dou tanta opinião assim. E, se dou, importa-me menos a minha opinião e mais a forma como a expresso. Prefiro que alguém diga:*

- *Não concordo uma única lhufa contigo, mas o texto eu a-mei!*

Do que:

- *Concordo todas as lhufas contigo, mas o texto achei troncho.*

No primeiro enunciado o locutor admite escrever sobre diversos temas, mas afirma que não expressa tanto sua opinião. Poderíamos explicitar o sentido desse enunciado pela sua AI: **escrever PT neg opinar**. Esse aspecto está explícito no discurso. Por ser um aspecto transgressivo, ele faz alusão ao aspecto normativo, que é seu converso e está implícito no discurso. Esse aspecto é: **escrever DC opinar**. É importante que se entenda a AI do enunciado, porque é por meio dela que o locutor vai dar continuidade a seu texto, falando de escrita. Podemos, então, tomar o aspecto anterior como AE de *escrever*. Isso porque o locutor diz que se preocupa mais em agradar os leitores com sua escrita do que com a opinião por ela expressa. Neste ponto, lançamos mão da AI da palavra *preferir* para explicar o posicionamento do locutor frente aos supostos comentários dos leitores:

AI de preferir: selecionar DC rechaçar

Dessa forma, o autor seleciona como caro para si o enunciado “*Não concordo uma única lhufa contigo, mas o texto eu a-mei!*” e rechaça o enunciado “*Concordo todas as lhufas contigo, mas o texto achei troncho*”.

No entanto, no enunciado seguinte, o locutor retoma o aspecto rechaçado do primeiro parágrafo que dizia: **dizer para não dar opinião PT dar opinião**. Percebemos essa retomada pela reiteração da expressão *dar opinião*, acompanhada de *menos*, no enunciado “*Além disso,*

estou me esforçando bravamente para dar menos opiniões”. No primeiro momento do discurso, o autor rejeitou esse aspecto completamente, por meio do aspecto **dizer para não dar opinião DC neg dar opinião**, agora o aspecto é outro. Implicitamente, o autor admite dar opiniões, mas afirma estar se esforçando para não fazer isso com tanta frequência. Dessa forma, o novo aspecto assumido pelo locutor é **dizer para não dar opinião PT dar opinião**, converso ao aspecto anterior e seguido pelo aspecto **dar opinião PT pouca**. O conector *além disso* marca a continuidade do discurso: ele retoma o preocupar-se mais com a escrita do que com a opinião e apresenta a ideia nova que é a modificação da posição do locutor frente ao aspecto **dizer para não dar opinião PT dar opinião**, já mencionado.

Partindo do aspecto acima citado **dar opinião PT pouca**, constatamos que o autor, embora não deseje, ainda dá sua opinião, ainda que não o faça muitas vezes. Ao longo do discurso, vê-se que, para ele, assim como para as pessoas de uma forma geral, é difícil não opinar. A partir da palavra *esforçando*, presente no enunciado “*Além disso, estou me esforçando bravamente para dar menos opiniões*” o locutor explica essa dificuldade. A AI de *esforçando* seria: **dificuldade PT tentativa**. A importância de se explicitar o sentido da entidade lexical *esforçando* define-se na sequência do enunciado. O locutor lista as muitas e diversas formas pelas quais ele, e as demais pessoas, são provocadas a dar sua opinião. Com a mesma importância para a compreensão dessa continuidade do parágrafo, temos a palavra *instando*, no enunciado “*Você lê um texto em um blog e ali em cima está escrito: “Comentários”. Quer dizer: estão instando-o a comentar o que leu*”. É relevante que se levante sua AI, pois é a partir da relação com a AI de *instando* que compreendemos o sentido de *esforçando* nesse discurso. Não se trata de um esforço físico, por exemplo, para desemperrar uma janela, mas um esforço com o intuito de não opinar. Para fins de comparação, levantamos a AI do *esforço físico* acima mencionado:

tentar abrir a janela DC empurrar com força

Assim sendo, *instando* também tem um sentido específico nesse discurso. Não se trata de uma insistência qualquer, mas com o objetivo de fazer com que as pessoas opinem. Sua AI seria **insistir DC forçar a opinar**. Relacionando as duas AI, percebe-se o motivo do esforço citado pelo locutor. A noção de esforço é, também, enfatizada pela listagem das “oportunidades” com que as pessoas se deparam de dar sua opinião. A listagem está presente nos enunciados: “*Você é obrigado a votar, você é interrogado em pesquisas, você participa de interativas. Você lê um texto em um blog e ali em cima está escrito: “Comentários”. Quer*

dizer: estão instando-o a comentar o que leu. E, se você não comenta, você lê o que os outros comentaram. Aí fica com vontade de comentar também. De dar opinião. E isso faz mal”. Podemos explicitar os sentidos dos enunciados por meios dos seguintes aspectos, que são suas AI:

votar DC opinar

responder a pesquisas DC opinar

participar de interativas DC opinar

ler comentários DC opinar

Todos esses aspectos correspondem, também, à AE à esquerda de *opinar*, no entanto, em cada aspecto, há uma nuance diferente de *opinar*: opinar por meio de voto, ou por meio de respostas a pesquisas, etc. Isso acontece, pois *opinar* está relacionando-se a diferentes entidades linguísticas e, em cada relação, há um sentido diferente. Poderíamos sintetizar os diferentes sentidos no aspecto: **posicionar-se DC opinar**.

No enunciado seguinte, o autor retoma o aspecto **dar opinião DC obter resultado ruim** desenvolvido no primeiro parágrafo. Ele o faz por meio do enunciado: “*E isso faz mal*”. A palavra *isso* retoma, por meio de uma relação semântica, o enunciado anterior “*De dar opinião*”. Sabemos que *isso* retoma *dar opinião*, porque podemos perceber que, ao longo do discurso, o locutor reitera a ideia de que dar opinião faz mal. O *isso* presente nesse enunciado corresponde ao que a Linguística Textual chama de *encapsulamento anafórico*, definido na fundamentação teórica deste trabalho. Ele remete diretamente ao aspecto **posicionar-se DC opinar**, que sintetizou o parágrafo. Dessa forma, podemos considerar que esse aspecto argumentativo corresponde à AI de *isso* nesse discurso.

A partir do enunciado seguinte, o locutor, finalmente, deixa claro o porquê de o fato de opinar ser ruim. Passemos aos próximos parágrafos.

Período 3: *Por quê?*

Porque, ao expressar sua opinião, você a torna pública. As outras pessoas tomam conhecimento dela. Logo, você assume um compromisso com a sua opinião.

Você tomou partido.

O locutor começa a apresentar suas razões para a negatividade de dar opinião fazendo constantes retomadas e avanços do que a Linguística Textual chama de *tema* e *rema*. O rema

de um enunciado passa a ser o tema do outro. Não há uma repetição exata das entidades lexicais dos enunciados, mas seu sentido é o mesmo. Explicitamos isso por meio dos seguintes aspectos:

dar opinião DC torná-la pública

opinião pública DC conhecimento das pessoas

conhecimento da opinião pelas pessoas DC compromisso com a opinião

compromisso com a opinião DC tomada de partido

Podemos resumir o parágrafo construindo sua AI, que seria: **dar opinião DC tomar partido.**

O articulador *logo* no enunciado, marca a interdependência semântica existente entre *o conhecimento das pessoas quanto a sua opinião* e *sua tomada de partido frente a sua opinião*. Dizemos que há interdependência semântica entre os dois segmentos, pois o segmento *o conhecimento das pessoas quanto a sua opinião* poderia dar origem a outros discursos, por exemplo, o representado no seguinte encadeamento:

As pessoas passaram a conhecer a opinião dele quanto ao assunto e, por isso, começaram a temê-lo.

No encadeamento acima, trata-se de um conhecimento de opinião que causa medo, enquanto o que está no discurso é o conhecimento de opinião que faz com o que a pessoa que tenha tal opinião a assuma como verdadeira.

Para compreender a relação entre *tomar partido* e o enunciado seguinte, é importante explicitar a AI da expressão *tomar partido*, nesse discurso: **apoiar uma opinião DC rechaçar outra opinião**. O enunciado que segue é: “*Assim, os outros, que têm outras opiniões, diferentes da sua, não são contra a sua opinião: são contra você. E você é contra eles.*” Sua AI poderia ser representada por **ter opinião diferente DC ser contra a pessoa**. É importante que se saiba sua AI para compreender o papel do articulador *assim*. Ele cria interdependência semântica entre o enunciado precedente e o atual. Aqui, *tomar partido* é posicionar-se não apenas a favor de uma opinião, mas de uma pessoa, ainda que seja a própria pessoa que deu a opinião. Dessa forma, o *tomar partido* de uma opinião é o que faz com que as pessoas fiquem contra as pessoas de opinião diferente. Reiteramos a ideia de interdependência semântica: em outro discurso, o *tomar partido* poderia ter outro sentido,

dependendo do segmento ao qual ele se conectaria. Por exemplo, poderíamos apontar o sentido pelo qual *tomar partido* fosse causa de respeito, como no encadeamento abaixo:

Enquanto todos se calavam, ele tomou partido da mulher ofendida e, desde aquele momento, todos o respeitaram por sua coragem.

Nos enunciados seguintes, o locutor dá continuidade ao seu discurso, desenvolvendo o aspecto: **ter opinião diferente DC ser contra a pessoa.**

Período 4: *É isso que faz mal: atrelar-se à sua própria opinião como se fosse um dogma. Como se a sua opinião fizesse parte de você. Como se não fosse algo que você pudesse mudar quando bem entendesse. Você é uma vítima da coerência. Um subalterno da sua própria opinião. Alguém não concorda com ela e você fica fulo. Não debate a outra opinião, ataca a outra pessoa:*

Entidade lexical de grande valor para a compreensão do parágrafo é *dogma*. A partir da relação entre ela e as demais entidades lexicais do parágrafo, o locutor explica o apego das pessoas às suas opiniões e os consequentes desentendimentos decorrentes de opiniões diversas. Podemos explicitar seu sentido por meio de sua AI: **verdadeiro DC imutável**. Isto é, as pessoas assumem suas opiniões como dogmas, ou seja, como impossíveis de serem mudadas, e isso causa desentendimentos. A palavra *atrelar-se* também tem função importante. Por meio de sua AI, o autor reforça a ideia de *dogma*.

AI de *atrelar-se*: unir-se a algo DC fazer parte dele

Dessa forma, explica-se por que as pessoas transformam em questões pessoais o que deveria ser uma mera diferença de opinião. Elas estão unidas à sua verdade imutável de tal forma que essa verdade faz parte de quem elas são.

Da mesma forma que os parágrafos anteriores, aqui o autor faz o discurso progredir por meio de retomadas do tema *dar opinião*. Essas retomadas podem ser representadas nos aspectos abaixo:

atrelar-se à opinião DC fazer mal

atrelar-se à opinião DC tornar a opinião parte de si

tornar a opinião parte de si DC não poder mudá-la

não poder mudar de opinião DC ser vítima da coerência

ser vítima da coerência DC ser subalterno da opinião

Nesse ponto, *subalterno* torna-se relevante. Podemos descrever sua AI em **subordinado DC dependente**. Isso nos permite compreender ainda mais o transformar uma ofensa pessoal em uma discordância de opinião: se a pessoa é subordinada à sua opinião, passa a ser dependente dela. Se algo, ou alguém, ataca essa opinião, indiretamente, ataca a pessoa que a tem. Assim, os enunciados “*Alguém não concorda com ela e você fica fulo. Não debate a outra opinião, ataca a outra pessoa*” assumem seu sentido completo, neste discurso. Podemos expressar seus sentidos por meio das AI:

**ser subalterno da opinião DC ofender-se com divergência de opinião e
ofender-se com divergência de opinião DC atacar aquele que diverge**

Por meio desse último aspecto, podemos perceber que o articulador *e* presente no enunciado não tem como função simplesmente adicionar duas ações, como tradicionalmente costuma-se classificá-lo. Nesse enunciado, ele marca uma relação tradicionalmente chamada de causa e consequência. Ele poderia, facilmente, ser substituído por *assim, por isso*, etc.

O locutor prossegue com seu discurso dando exemplos de maneiras pelas quais as pessoas se atacam, quando há divergência de opiniões:

Período 5: “*Só uma besta ruminante como você para dizer isso!*”

Ao que o dono da outra opinião também se enfurece. Com certa razão – ele foi chamado de burro. Ele reage. Chama-o de pústula, sacripanta, galfarro e beleguim.

O articulador *ao que* é tradicionalmente visto como um articulador temporal, contudo, aqui, ele relaciona, como o *e* anteriormente citado, dois segmentos da mesma forma que um *portanto* relacionaria. Pode-se explicitar essa relação na AI dos enunciados: **ouvir ofensa DC enfurecer-se**. Entre os enunciados seguintes, não há a realização formal de nenhum articulador, mas as relações entre os enunciados são claras. Podemos representá-las por meio dos aspectos:

enfurecer-se DC reagir

reagir DC ofender

Nos enunciados seguintes “*Pronto. A amargura da discórdia envenenará seu sangue, se espalhará pelo seu corpo, contaminará sua alma. Sua opinião lhe fez mal.*” acontece o mesmo fenômeno. Não há presença de articuladores entre os enunciados, mas as relações entre os segmentos podem ser claramente explicitadas em:

envenenar o sangue DC espalhar-se pelo corpo

espalhar-se pelo corpo DC contaminar a alma

contaminar a alma DC fazer mal

Nos enunciados seguintes, o locutor retoma a sentido anteriormente citado que diz que as pessoas dão sua opinião a todo o tempo.

Período 6: *Você se expressa, se expressa, sente necessidade de se expressar, de desfaldar sua opinião para que o mundo a veja. Você quer ser crítico, você critica. Então, desenvolve o hábito de, como crítico, ver o mundo e as outras pessoas pelo lado ruim. Porque um crítico, na sua concepção, é alguém que procura os defeitos nas coisas e os expõe.*

Nesse parágrafo, além de retomar a insistência das pessoas em expressar suas opiniões, o locutor avança no discurso e aborda a opinião crítica negativa. A palavra *crítico* é importante, porque o parágrafo todo se desenvolve a partir dela. Explicitamos o sentido que ela assume neste discurso por meio de sua AI: **analítico DC apontador de defeitos**. *Crítico*, neste parágrafo, tem um sentido negativo. Trata-se apenas de ver o que há de errado nas pessoas e coisas. Em outro discurso, *crítico* poderia ter um efeito positivo, como no desenvolvido no encadeamento abaixo:

Ela não se deixa iludir por campanhas publicitárias, pois é muito crítica quanto ao que assiste.

Os articuladores *então* e *porque* marcam essa interdependência entre ser crítico e ver o lado negativo do mundo e das pessoas. Ambos os enunciados representam o aspecto: **ser crítico DC ver o que há de negativo**.

Percebemos ao longo do discurso, uma espécie de afunilamento, ou especificação do sentido do título: *Não dê sua opinião*. Isso fica bastante claro com os últimos enunciados.

Período 7: *Como dar a sua opinião e aceitar a dos outros serenamente, quem sabe até ponderar a respeito? Como não ficar dependente da própria opinião? Como não se tornar uma pessoa azeda, que em tudo coloca uma vírgula e depois da vírgula um mas?*

Não faço ideia. Você faz?

Dê aí sua opinião.

Neles, o autor questiona tudo o que expôs anteriormente: o ofender-se pessoalmente por uma divergência de opinião, o ser subalterno à opinião, o tornar-se amargo, negativo, sob

a desculpa de ser crítico, etc. Neste ponto, há uma certa quebra da expectativa do leitor: o texto inteiro discorre sobre o porquê de não se dar opinião, o título do texto é *Não dê sua opinião*, mas o próprio locutor pede ao leitor que dê sua opinião sobre como solucionar os problemas causados por dar opinião demais. Um aspecto transgressivo resumiria a relação entre título e texto: **nunca dê sua opinião PT dê sua opinião agora**.

Não há, contudo, uma incoerência entre título e texto. O que acontece, de fato, é que o locutor exemplifica o que ele mesmo apontou no início de seu discurso: a todo instante as pessoas são instigadas a opinar, e a todo instante elas sucumbem e opinam, mesmo quando não deveriam.

Pudemos perceber como se deu a progressão temática: o locutor inicia com o aspecto **dar opinião DC obter resultado ruim**; defende-se das possíveis acusações de que ele pede para que os outros não deem opinião, enquanto ele mesmo constantemente dá a sua, por meio do aspecto **dizer para não dar opinião PT dar opinião**, seguido por **dar opinião PT pouca**; explica por que é tão negativo dar opinião, mostrado em **dar opinião DC tomar partido**; e como esse *tomar partido* é compreendido pelas pessoas de uma forma geral: **ter opinião diferente DC ser contra a pessoa**. O aspecto **ofender-se com divergência de opinião DC atacar aquele que diverge** explicita o que acontece entre as pessoas que divergem quanto às suas opiniões: elas passam a ofender umas às outras. Essa ofensa gera o que o locutor chama de *veneno* que contamina a alma e, portanto, faz mal, representado no aspecto: **contaminar a alma DC fazer mal**. Esse *fazer mal* refere-se às discórdias que nascem entre as pessoas e, também, ao fato de que as pessoas se tornam críticas demais. Ser crítico demais, no discurso analisado corresponde a ver apenas o que há de negativo, nas pessoas e coisas a nossa volta. O aspecto **ser crítico DC ver o que há de negativo** resume esse sentido. Ao final, o aspecto **nunca dê sua opinião PT dê sua opinião agora**, aparentemente assumido pelo locutor, é, na verdade, um exemplo de como as pessoas são constantemente requisitadas a opinar, como mencionado anteriormente.

O esquema abaixo pretende mostrar de que forma o locutor justifica o enunciado “Dar opinião faz mal”.

Quadro 2 Diferentes sentidos de “*Dar opinião faz mal*”

Aspecto
dar opinião DC obter resultado ruim
dar opinião DC tomar partido
apoiar uma opinião DC rechaçar outra opinião
ter opinião diferente DC ser contra a pessoa
atrelar-se à opinião DC tornar a opinião parte de si
ser subalterno da opinião DC ofender-se com divergência de opinião
ofender-se com divergência de opinião DC atacar aquele que diverge
contaminar a alma DC fazer mal
ser crítico DC ver o que há de negativo

Fonte: ALDROVANDI (2014)

3.2.3 *Em caso de despressurização de Martha Medeiros*

Discurso 3: Em caso de despressurização - Martha Medeiros

Estava dentro de um avião, prestes a decolar, pela milionésima vez na vida escutava a orientação da comissária: "Em caso de despressurização da cabine, máscaras cairão automaticamente à sua frente. Coloque primeiro a sua e só então auxilie quem estiver ao seu lado." E a imagem no monitor mostrava justamente isso, uma mãe colocando a máscara no filho pequeno, estando ela já com a dela.

É uma imagem um pouco aflitiva, porque a tendência de todas as mães é primeiro salvar o filho e depois pensar em si mesma. Um instinto natural da fêmea que há em nós. Mas a orientação dentro dos aviões tem lógica: como poderíamos ajudar quem quer que seja estando desmaiadas, sufocadas, despressurizadas?

Isso vem ao encontro de algo que sempre defendi, por mais que pareça egoísmo: se quer colaborar com o mundo, comece por você. Tem gente à beça fazendo discurso pela ordem e reclamando em nome dos outros, mas mantém a própria vida desarrumada. Trabalham naquilo que não gostam, não se esforçam para manter uma relação de amor prazerosa, não cuidam da própria saúde, não se interessam por cultura e informação e estão mais propensos a rosnar do que a aprender. Com a cabeça assim minada vão passar que tipo de tranquilidade adiante? Que espécie de exemplo? E vão reivindicar o quê?

Quer uma cidade mais limpa, comece pelo seu quarto, seu banheiro e seu jardim. Quer mais justiça social, respeite os direitos da empregada que trabalha na sua casa. Um trânsito menos violento, é simples: avalie como você mesmo dirige. E uma vida melhor para todos? Pô, ajudaria bastante pôr um sorriso nesse rosto, encontrar soluções viáveis para seus problemas, dar uma melhorada em você mesmo.

Parece simplório, mas é apenas simples. Não sei se esse é o tal "segredo" que andou circulando pelos cinemas e sendo publicado em livro, mas o fato é que dar um jeito em si mesmo já é uma boa contribuição para salvar o mundo, essa missão heroica e tão bem intencionada.

Claro que não é preciso estar com a vida ganha para ser solidário. A experiência mostra que as pessoas que mais se sensibilizam com os dilemas alheios são aquelas que ainda têm muito a resolver na sua vida pessoal.

Por outro lado, elas não praguejam, não gastam seu latim à toa: agem. A generosidade é seu oxigênio. Tudo o que nos acontece é responsabilidade nossa, tanto a parte boa quanto a parte ruim da nossa história, salvo fatalidades do destino e abandonos sociais. E, mesmo entre os menos afortunados, há os que viram o jogo, ao contrário daqueles que apenas viram uns chatos. Portanto, fazer nossa parte é o mínimo que se espera.

Antes de falar mal da "Caras", pense se você mesmo não anda fazendo muita fofoca. Coloque sua camiseta pró-ecologia, mas antes lembre-se de não jogar lixo na rua e nem de usar o carro desnecessariamente. Reduza o desperdício na sua casa.

Uma coisa está relacionada com a outra: você e o universo. Quer mesmo salvá-lo? Analise seu próprio comportamento. Não se sinta culpado por pensar em si próprio. Cuide do seu espírito, do seu humor. Arrume seu cotidiano. Agora sim, estando quite consigo mesmo, vá em frente e mostre aos outros como se faz.

Análise 3:

Parágrafo 1: *Estava dentro de um avião, prestes a decolar, pela milionésima vez na vida escutava a orientação da comissária: "Em caso de depressurização da cabine, máscaras cairão automaticamente à sua frente. Coloque primeiro a sua e só então auxilie quem estiver ao seu lado." E a imagem no monitor mostrava justamente isso, uma mãe colocando a máscara no filho pequeno, estando ela já com a dela.*

O primeiro parágrafo do discurso tem caráter descritivo da situação em que o locutor se encontra: um evento comum em sua vida. Sabe-se que estar em um avião prestes a decolar não é algo novo para o locutor ao levantar-se a AI da entidade linguística *millionésima*, que seria: **fazer algo rotineiramente DC estar acostumado**. Nos enunciados seguintes, embora não haja a presença de articuladores, pode-se perceber, claramente, sua relação, levantando as AI dos enunciados:

cabine despressuriza DC máscaras caem

colocar máscara em si próprio DC ser capaz de colocar máscara em outra pessoa

É a partir do segundo parágrafo que o locutor começa a se posicionar frente ao que enuncia. O segundo parágrafo é:

Parágrafo 2: *É uma imagem um pouco aflitiva, porque a tendência de todas as mães é primeiro salvar o filho e depois pensar em si mesma. Um instinto natural da fêmea que há em nós. Mas a orientação dentro dos aviões tem lógica: como poderíamos ajudar quem quer que seja estando desmaiadas, sufocadas, despressurizadas?*

Percebemos sua relação com o primeiro parágrafo, pois a palavra *imagem* refere-se ao enunciado “*E a imagem no monitor mostrava justamente isso, uma mãe colocando a máscara no filho pequeno, estando ela já com a dela*”. Trata-se, portanto, de um caso de encapsulamento anafórico, segundo a LT. Pela ANL, vemos o encapsulamento anafórico como uma relação de interdependência semântica: *imagem*, no segundo parágrafo, retoma o aspecto citado anteriormente: **colocar máscara em si próprio DC ser capaz de colocar máscara em outra pessoa**. Dessa forma, podemos considerar que esse aspecto argumentativo corresponde à AI de *imagem* nesse parágrafo do discurso.

Ao dizer que a imagem é *aflitiva*, percebemos que o aspecto normativo, acima mencionado, não é assumido pelas mães. O aspecto que elas assumem é seu transposto: **neg colocar máscara em si próprio PT ser capaz de colocar máscara em outra pessoa**, que corresponde à AI do enunciado “*É uma imagem um pouco aflitiva, porque a tendência de todas as mães é primeiro salvar o filho e depois pensar em si mesma*”. O conector *porque*, explicativo, segundo a Gramática Tradicional, marca a interdependência semântica entre os segmentos, de forma normativa, ele pode ser visto como uma concretização do conector DC. Pode-se verificar isso pela AE de *imagem aflitiva*.

colocação da máscara em si próprio primeiro DC imagem aflitiva

neg colocação da máscara em si próprio primeiro DC neg imagem aflitiva

Ressaltamos que esse último aspecto é o ponto de vista que o locutor atribui às mães.

O articulador *e*, presente no parágrafo, também pode ser analisado como a concretização de DC, segundo a AI do segmento “*a tendência de todas as mães é primeiro salvar o filho e depois pensar em si mesma*”:

salvar o outro primeiro DC salvar-se depois

O sentido do enunciado seguinte “*Um instinto natural da fêmea que há em nós*” também pode ser explicitado pelo aspecto acima **salvar o outro primeiro DC salvar-se depois**. Vemos, dessa forma, como o locutor mantém o tema ao longo de seu discurso. Porém, ao utilizar o articulador *mas*, o locutor posiciona-se contra o ponto de vista das mães e a favor do das companhias aéreas. Através da AE de *lógica*, podemos perceber esse posicionamento: **salvar-se primeiro DC lógica**. Ao assumir esse aspecto como seu ponto de vista, conseqüentemente o locutor assume o aspecto recíproco: **neg salvar-se primeiro DC neg lógica**. Isto é, a atitude das mães não é lógica. Ele defende esse ponto de vista com o enunciado “*como poderíamos ajudar quem quer que seja estando desmaiadas, sufocadas, despressurizadas?*” cujo sentido pode ser explicitado pela sua AI: **neg estar em condições DC neg poder ajudar**. O terceiro parágrafo inicia com uma nova retomada temática:

Parágrafo 3: *Isso vem ao encontro de algo que sempre defendi, por mais que pareça egoísmo: se quer colaborar com o mundo, comece por você. Tem gente à beça fazendo discurso pela ordem e reclamando em nome dos outros, mas mantém a própria vida desarrumada. Trabalham naquilo que não gostam, não se esforçam para manter uma relação de amor prazerosa, não cuidam da própria saúde, não se interessam por cultura e informação e estão mais propensos a rosnar do que a aprender. Com a cabeça assim minada vão passar que tipo de tranquilidade adiante? Que espécie de exemplo? E vão reivindicar o quê?*

O pronome *isso* retoma o aspecto **neg estar em condições DC neg poder ajudar**, ou seja, seu sentido pode ser expresso pelo mesmo aspecto argumentativo. Trata-se de mais um caso que a LT chamaria de encapsulamento anafórico. O locutor faz o tema progredir ao ampliar seu escopo do avião para outras situações da vida cotidiana. O articulador *se*, nesse parágrafo, marca uma relação de interdependência semântica entre os segmentos do enunciado “*se quer colaborar com o mundo, comece por você*”. O sentido desse enunciado pode ser expresso por sua AI: **querer ajudar o mundo DC ajudar-se primeiro**. Contudo, o

locutor aponta o aspecto converso a esse que é assumido por muitas pessoas: **querer ajudar o mundo PT neg ajudar-se primeiro**. O locutor faz com que o tema progrida através de exemplos. Todos os exemplos fazem parte do mesmo bloco semântico: **Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro**. Os exemplos correspondem à AE de *ajudar-se primeiro*:

neg ter ordem na vida DC neg ajudar-se primeiro

ter trabalho desagradável DC neg ajudar-se primeiro

neg esforço para ter bons relacionamentos DC neg ajudar-se primeiro

neg cuidar da saúde DC neg ajudar-se primeiro

neg aprender DC neg ajudar-se primeiro

Através dos questionamentos ao final do parágrafo “*Com a cabeça assim minada vão passar que tipo de tranquilidade adiante? Que espécie de exemplo? E vão reivindicar o quê?*”, o locutor retoma o aspecto argumentativo do final do primeiro parágrafo **neg estar em condições DC neg poder ajudar**, reafirmando, dessa forma, seu ponto de vista.

A conjunção *e* no enunciado “*Tem gente à beça fazendo discurso pela ordem e reclamando em nome dos outros, mas mantém a própria vida desarrumada.*” poderia ser classificada pela Gramática Tradicional como aditivo, todavia, pela ANL, há a possibilidade de se analisá-lo como marcando interdependência semântica entre os segmentos que liga da seguinte forma:

AI do enunciado: fazer discurso pela ordem DC falar em nome dos outros

Já o articulador *mas* marca, de fato, um contraste, o qual pode ser explicitado pelo aspecto transgressivo

fazer discurso pela ordem PT levar vida bagunçada

No terceiro parágrafo, o locutor desenvolveu o bloco semântico **Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro**, valendo-se do aspecto **ajudar o mundo PT neg ajudar-se primeiro**. No quarto parágrafo, ele vai desenvolver o ponto de vista do aspecto converso a esse: **ajudar o mundo DC ajudar-se primeiro**.

Parágrafo 4: *Quer uma cidade mais limpa, comece pelo seu quarto, seu banheiro e seu jardim. Quer mais justiça social, respeite os direitos da empregada que trabalha na sua casa. Um trânsito menos violento, é simples: avalie como você mesmo dirige. E uma vida melhor*

para todos? Pô, ajudaria bastante pôr um sorriso nesse rosto, encontrar soluções viáveis para seus problemas, dar uma melhorada em você mesmo.

O aspecto acima citado pode representar, genericamente, todos os enunciados do parágrafo. Contudo, o sentido específico de cada um deles pode ser explicitado ao levantarmos suas AI:

casa limpa DC cidade limpa

justiça com a empregada DC mundo justo

atitude de bom motorista DC trânsito melhor

solução dos próprios problemas DC vida melhor para todos

A LT veria uma relação de causa e consequência entre os segmentos dos enunciados. Pela ANL, pode-se perceber claramente o bloco semântico **Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro**, uma vez que as pequenas ações diárias de cada indivíduo levam a mudanças na grande sociedade, ponto de vista do locutor. No quinto parágrafo, o locutor continua justificando seu ponto de vista.

Parágrafo 5: Parece simplório, mas é apenas simples. Não sei se esse é o tal "segredo" que andou circulando pelos cinemas e sendo publicado em livro, mas o fato é que dar um jeito em si mesmo já é uma boa contribuição para salvar o mundo, essa missão heroica e tão bem intencionada.

Nesse parágrafo, o locutor rebate possíveis críticas a sua posição. Nesse ponto, as palavras *simplório* e *simples* representam a maneira pela qual o locutor refuta possíveis pontos de vista críticos ao seu. Levando em consideração a noção de *orientação argumentativa* apresentada na fundamentação teórica deste trabalho, analisamos *simplório* como indicando uma continuidade negativa. Podemos representar sua AI no aspecto seguinte:

AI de *simplório*: superficial DC tolo

E desenvolver o aspecto no encadeamento:

Era uma solução simplória, assim, em pouco tempo, o problema reapareceria.

Por outro lado, a palavra *simples* não tem uma *orientação argumentativa* negativa. Pelo contrário, ela indica uma continuidade positiva. Pode-se explicitar seu sentido por sua AI:

AI de *simples*: descomplicado DC compreensível

Podendo-se desenvolver sua AI no encadeamento:

Embora a pergunta fosse simples, os candidatos não conseguiram respondê-la.

Na linha três do parágrafo temos o pronome *essa* que, juntamente com *missão heroica e tão bem intencionada*, retoma a expressão *salvar o mundo*. Diferente do que a LT prega, pela ANL percebemos que não há uma mera retomada da expressão *salvar o mundo*, o que há é um acréscimo de sentido. A princípio, *salvar o mundo* corresponde a *ajudar o outro*. Pode-se expressar essa relação por meio da AE à esquerda da expressão:

AE de *salvar o mundo*: ajudar o outro DC salvar o mundo

Com a retomada da expressão por *essa missão heroica e tão bem intencionada*, *salvar o mundo* vai além de ajudar o outro, ou seja, deixa de ser algo comum, e passar a ser um *missão heroica*, portanto, de difícil realização. Explicitamos esse sentido pela AI de *missão heroica* e pela AE à direita de *salvar o mundo*, respectivamente representadas pelos aspectos:

AI de *missão heroica*: tarefa difícil DC atitude de extrema grandeza

AE de *salvar o mundo*: salvar o mundo DC missão heroica

Até esse ponto do discurso, o locutor assume o bloco semântico **Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro**. Seria possível compreender, desse bloco semântico, que para poder ajudar aos outros, seria necessário que a vida da pessoa que tenha essa intenção esteja em perfeita ordem. Por isso, a partir do sexto parágrafo, o locutor esclarece melhor seu ponto de vista.

Parágrafo 6: *Claro que não é preciso estar com a vida ganha para ser solidário. A experiência mostra que as pessoas que mais se sensibilizam com os dilemas alheios são aquelas que ainda têm muito a resolver na sua vida pessoal.*

Ao levantarmos a AI do enunciado “*Claro que não é preciso estar com a vida ganha para ser solidário*” notamos que o *ajudar-se primeiro* do bloco semântico em questão não indica estar com a vida perfeita. Esse sentido poderia ser expresso pelo aspecto:

ter vida perfeita DC ajudar o outro

O ponto de vista do locutor nesse enunciado é, na verdade, o aspecto transposto a esse, expresso por:

AI do enunciado: neg ter vida perfeita PT ajudar o outro

O locutor continua justificando seu ponto de vista ao dizer que são as pessoas que têm problemas que se comovem com a situação dos demais. Levantando a AI do enunciado “*A experiência mostra que as pessoas que mais se sensibilizam com os dilemas alheios são aquelas que ainda têm muito a resolver na sua vida pessoal*”, explicitamos esse sentido em:

ter problemas DC comover-se com os problemas dos outros

Neste ponto, *comover-se com os problemas dos outros* poderia levar o interlocutor de volta ao aspecto levantado anteriormente **fazer discurso pela ordem PT levar vida bagunçada**. Novamente, o locutor quebra essa expectativa. No sétimo parágrafo, o locutor especificará a que tipos de pessoas ele se refere.

Parágrafo 7: *Por outro lado, elas não praguejam, não gastam seu latim à toa: agem. A generosidade é seu oxigênio. Tudo o que nos acontece é responsabilidade nossa, tanto a parte boa quanto a parte ruim da nossa história, salvo fatalidades do destino e abandonos sociais. E, mesmo entre os menos afortunados, há os que viram o jogo, ao contrário daqueles que apenas viram uns chatos. Portanto, fazer nossa parte é o mínimo que se espera.*

O aspecto **fazer discurso pela ordem PT levar vida bagunçada** está implícito no enunciado “*Por outro lado, elas não praguejam, não gastam seu latim à toa: agem*”. O que está explícito, e é o ponto de vista assumido pelo locutor, é o aspecto **neg fazer discurso PT neg levar vida bagunçada**, recíproco ao anterior. Pode-se perceber isso pela relação da palavra *agem* com o enunciado. Se levantarmos sua AI, teremos:

AI de *agem*: ter problema DC resolver

Isso significa que eles não fazem discursos, mas resolvem seus problemas. Nesse ponto, nota-se a relevância da escolha do locutor por utilizar a palavra *praguejam* em seu discurso. Relacionando-a com o enunciado “*E, mesmo entre os menos afortunados, há os que viram o jogo, ao contrário daqueles que apenas viram uns chatos*” podemos perceber que as pessoas que praguejam são *chatos*. Ao levantarmos a AI de *praguejam*, seu sentido fica mais explícito:

AI de *praguejam*: ter problemas DC reclamar

Dessa forma, o tema é mantido, mas há, também, progressão. Há um jogo de retomadas e de progressão temática. Percebe-se isso ao levantar a AE à direita de *chatos*:

reclamar DC ser chato

Além do jogo de retomadas, há um jogo com palavras. A palavra *viram* é utilizada duas vezes, mas em cada uma com um sentido diferente no enunciado “*E, mesmo entre os menos afortunados, há os que viram o jogo, ao contrário daqueles que apenas viram uns chatos*”. Na primeira vez, ela tem o sentido de *transformar*, vejamos:

AI de virar o jogo: ter problema PT mudar a situação

Já na segunda vez, seu sentido é de *tornar-se*, representado por:

AI de virar um chato: ter problema DC tornar-se aborrecido

Ressaltamos que a palavra *virar* só apresenta essas diferenças de sentido ao entrar em relação com *jogo* e *chato* respectivamente, não de forma isolada. Para concluir seu parágrafo, o locutor usa o articulador *portanto*. A conjunção marca a relação entre os enunciados anteriores e o enunciado final de forma conclusiva, segundo a Gramática Tradicional, ou normativa, segundo a ANL. O sentido dessa relação poderia ser expresso pelo aspecto:

fazer sua parte DC agir

que resume o parágrafo. No parágrafo seguinte, a ideia de *agir* deixa de ser apenas *fazer sua parte*. Analisemos:

Parágrafo 8: (1) *Antes de falar mal da "Caras", pense se você mesmo não anda fazendo muita fofoca.* (2) *Coloque sua camiseta pró-ecologia, mas antes lembre-se de não jogar lixo na rua e nem de usar o carro desnecessariamente.* (3) *Reduza o desperdício na sua casa.*

No parágrafo anterior, *agir* era simplesmente fazer algo em vez de apenas reclamar. Nesse oitavo parágrafo, seu sentido tem um acréscimo: trata-se de agir com coerência com o que se fala. As incoerências *discurso x ação* são marcadas pelo locutor em seus exemplos. Os sentidos dos enunciados podem ser explicitados nos seguintes aspectos:

AI enunciado 1: falar mal da “Caras” PT fazer fofoca

AI enunciado 2: vestir camiseta pró-ecologia PT poluir

AI enunciado 3: vestir camiseta pró-ecologia PT desperdiçar

Dessa forma, o parágrafo pode ser resumido em:

falar PT neg agir coerentemente

que é o aspecto converso de

falar DC agir coerentemente

assumido pelo locutor e implícito em seu discurso.

O articulador *mas*, na linha dois do parágrafo, marca justamente essa transgressão descrita no aspecto **vestir camiseta pró-ecologia PT poluir**.

Essa ideia de coerência é retomada no último parágrafo, mas o locutor retorna ao bloco semântico principal de seu discurso **Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro**. Vejamos:

Parágrafo 9: *Uma coisa está relacionada com a outra: você e o universo. Quer mesmo salvá-lo? Analise seu próprio comportamento. Não se sinta culpado por pensar em si próprio. Cuide do seu espírito, do seu humor. Arrume seu cotidiano. Agora sim, estando quite consigo mesmo, vá em frente e mostre aos outros como se faz.*

Nesse nono parágrafo, o locutor utiliza as palavras *coisa* e *outra* para retomar suas ideias anteriores. A LT veria esse processo como *substituição por nome genérico* e por *pronome indefinido*, respectivamente. Pela ANL, vemos que há relação de interdependência semântica entre os termos. Não se trata de uma mera substituição. O sentido das palavras só é recuperado na relação que elas mantêm com o que foi enunciado anteriormente no discurso. O enunciado pode ser visto como a concretização do bloco semântico que está presente ao longo do discurso: **Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro**. Mais do que isso, o enunciado também pertence ao aspecto **ajudar o mundo DC ajudar-se primeiro**.

Ao longo deste último parágrafo, há, novamente, um jogo de retomadas e progressões do tema. Isso pode ser representado pelos aspectos abaixo, que são as AI dos enunciados. Embora não haja articuladores, a relação entre os segmentos pode ser claramente percebida:

querer salvar o mundo DC analisar o próprio comportamento

analisar o próprio comportamento DC ser egoísta

analisar o próprio comportamento PT neg ser egoísta

cuidar do espírito DC ajudar aos outros

cuidar do humor DC ajudar aos outros

arrumar o cotidiano DC ajudar aos outros

estar bem consigo próprio DC ensinar aos outros

Dos aspectos acima, ressaltamos **analisar o próprio comportamento DC ser egoísta** e **analisar o próprio comportamento PT neg ser egoísta**. O primeiro mostra o ponto de vista das pessoas em geral quando se pede que pensem em si próprias. Não é, contudo, o ponto de vista assumido pelo locutor, ele simplesmente o aponta para poder contestá-lo com o segundo, que vem a ser o aspecto converso ao primeiro. Ou seja, neste caso, pensar em si próprio trará benefício para as demais pessoas. Podemos explicitar ainda melhor o sentido dos dois aspectos em encadeamentos. Vejamos:

Sara vive analisando seu comportamento porque tem medo do que as pessoas pensam dela.

Nesse caso, trata-se de um *analisar o próprio comportamento* com fins de não macular a autoimagem. Isto é, trata-se de uma atitude egoísta. Porém em:

Sara analisa seu comportamento para dar bons exemplos a seus filhos.

não se trata de uma autoanálise que tem como fim único melhorar a autoimagem, mas que visa ser um bom exemplo, ou seja, é uma reflexão sobre como melhorar a si para que seus filhos sejam pessoas melhores também. Esse último é o caso do discurso: um melhorar-se para que os demais possam melhorar também.

O mesmo bloco semântico perpassa todo o discurso, porém, percebe-se que diferentes encadeamentos são construídos pelo mesmo bloco. Essas diferenças de sentido se devem às relações entre as entidades linguísticas presentes no discurso. A tabela abaixo mostra essas variações de sentido nos encadeamentos. Podemos ver que em todos os aspectos argumentativos parte-se de uma situação de melhora pessoal que resulta em uma melhora coletiva.

Quadro 3: Diferentes sentidos de “Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro”

Bloco semântico: Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro
colocar máscara em si próprio DC colocar máscara em outra pessoa
casa limpa DC cidade limpa
justiça com a empregada DC mundo justo
atitude de bom motorista DC trânsito melhor
solução dos próprios problemas DC vida melhor para todos
querer salvar o mundo DC analisar o próprio comportamento
estar bem consigo próprio DC ensinar aos outros

Fonte: ALDROVANDI (2014)

3.3 Discussão dos Resultados

Esta subseção abordará os resultados alcançados por nossa pesquisa, de acordo com objetivos propostos e as questões que nortearam o estudo.

O primeiro discurso analisado foi *Invólucros* de Luis Fernando Veríssimo. Por meio de nossa análise, verificou-se que o tema central do discurso é *evolução*. Em cada parágrafo analisado, o sentido de *evolução* é diferente. A princípio, evolução refere-se à teoria darwiniana, a qual sugere que a espécie evolui por meio da seleção natural: os seres que permanecem são aqueles que melhor se adaptam às novas condições do ambiente. No caso do discurso, as pessoas de dedos finos sobreviveriam, e as de dedos grossos desapareceriam. Explicitamos esse sentido de evolução ao contrastar as entidades lexicais *obsoletas* e *evolução*. Dessa forma, as pessoas de dedos grossos se tornariam obsoletas. Outro segmento relacionado à obsolescência é o desaparecimento de dois dos cinco dedos de cada mão, já que eles seriam inúteis. Nesse discurso, algo *obsoleto* pode ser expresso pelo aspecto **fora de uso DC inútil**. Esse aspecto está implícito nos enunciados:

- a. *Se vale a teoria da seleção natural de Darwin, as pessoas com dedos grossos se tornarão obsoletas, não se adaptarão ao mundo da microtecnologia e logo desaparecerão.*
- b. *Há quem diga que, como os miniteclados impossibilitam a datilografia tradicional e, com o advento das calculadoras, os cinco dedos em cada mão perderam a sua outra utilidade prática, que era ajudar a contar até dez, os humanos do futuro nascerão só com três dedos em cada mão [...]*

Podemos resumir o primeiro parágrafo pelo bloco semântico: **o que não tem necessidade desaparece**. Percebe-se isso com o desaparecimento das pessoas de dedos grossos, não mais úteis à sociedade tecnológica, e dos dedos que ficarão sem uso com o desaparecimento da datilografia tradicional. Contudo, o locutor também assume outro bloco semântico: **o que tem necessidade permanece**. É o caso dos outros três dedos da mão. Dessa forma, o sentido de evolução no primeiro parágrafo pode ser resumido nos aspectos recíprocos: **necessário DC se mantém** e **neg necessário DC neg se mantém**, como mencionamos na análise.

O tema *evolução* permanece no segundo parágrafo, porém, com um sentido diferente. Se no primeiro parágrafo tratava-se de uma evolução que selecionava seres e características, no segundo parágrafo, é uma evolução que promove o aprimoramento da espécie humana.

Evolução toma esse sentido por meio de sua relação com *aperfeiçoamento*. É nesse ponto do discurso que o locutor justifica o título. Os invólucros do qual o título trata não são quaisquer invólucros, mas dois em específico: primeiramente os de celofane que envolvem a maioria dos produtos adquiridos atualmente, e, em seguida, a pele humana. Relacionando esses dois tipos de invólucros à evolução, o locutor propõe dois tipos de aperfeiçoamento do ser humano. São eles: o nascimento com dente cuneiforme para abrir invólucros de celofane e o nascimento dos bebês futuros com pele de celofane, em lugar da pele normal.

O sentido de *evolução* nesse parágrafo pode ser obtido a partir dos aspectos: **dispositivo natural ao homem DC evolução e pele de celofane DC evolução**. Vê-se, com isso, que não se trata da mesma evolução do primeiro parágrafo. A progressão temática do primeiro para o segundo parágrafo se dá, principalmente, por questões lexicais. No primeiro parágrafo tínhamos o aspecto **neg necessidade DC desaparecimento**, proveniente de *obsoleto*. Já no segundo parágrafo temos o aspecto **necessidade DC surgimento**, proveniente de *aperfeiçoamento*.

Assim como aconteceu com o segundo parágrafo, o terceiro também mantém o tema *evolução*. Nesse parágrafo, evolução é aquilo que põe fim a certos problemas sociais, como o racismo. Evolução passa a ter esse sentido, principalmente, em relação com a palavra *equalizador*. A pele de celofane, com a qual os bebês nasceriam, seria uma evolução do ser humano que teria por consequência o fim do preconceito racial. O sentido principal do parágrafo pode ser retomado pelo aspecto **evolução DC igualdade**.

Como analisado, as entidades lexicais promovem a progressão temática do discurso. Outro recurso também utilizado pelo locutor é o uso de articuladores. Como previmos na introdução desta pesquisa, os articuladores, quando em uso, nem sempre apresentam a significação que a Linguística Textual lhes confere. Dos diversos articuladores *e* analisados, muitos deles não tinham a função de somar ideias. Um exemplo disso é o articulador *e* presente no enunciado: “*Telefones celulares, agendas eletrônicas e computadores portáteis cada vez mais compactos, e, portanto com teclas cada vez menores, pressupõem usuários com dedos finos*”. Como comentamos na análise, não se trata de uma soma de características *ser compacto* e *ter teclas menores*. Uma característica é dependente de outra, porque *ser compacto* pode indicar outras continuações, como, por exemplo, *ser compacto* e *ser fácil de carregar*. Portanto, o uso dos articuladores em si não promove a coesão, como também não se pode afirmar que o articulador isolado tem um sentido completo: da mesma forma como as

entidades lexicais só completam seu sentido na relação com as demais a sua volta, os articuladores também não podem ser vistos isoladamente. Não se quer afirmar, contudo, que se poderia, então, usar qualquer articulador em qualquer situação. Assim como os demais elementos linguísticos, eles têm em si orientações de uso, que apontam de que formas eles podem, ou não, ser utilizados. O que se argumenta é que não se pode esperar que o articulador, isoladamente, determine o tipo de relação existente entre dois enunciados ou segmentos.

Com o que foi analisado, pode-se afirmar que o discurso em questão apresenta *coesão* e *coerência*. A Linguística Textual concebe coesão como as ligações entre os elementos da superfície do texto, segundo Koch (2012A). A autora fala em coesão sequencial, e foi nesse tipo de coesão que nos detivemos, mormente, nesta análise. Como visto na fundamentação teórica deste trabalho, *coesão sequencial* é aquela que se utiliza de elementos como articuladores e relações semânticas entre os elementos para fazer com que o texto progrida. Observamos que, no discurso *Invólucros*, há o uso de articuladores e elementos lexicais para fazer com que o tema progrida.

É possível construir um sentido a partir do todo o texto, dessa forma, afirma-se que o texto é coerente. Já afirmamos na fundamentação teórica e reiteramos agora: coesão e coerência são fenômenos que, na maioria das vezes, acontecem juntos.

Da mesma forma como em *Invólucros*, no discurso intitulado *Não dê sua opinião* observamos os fenômenos coesão e coerência. Pode-se construir um sentido global do discurso, o que o faz ser coerente, e os elementos de sua superfície estão interligados, seja por meio de elementos lexicais, ou por articuladores. O tema central desse discurso é a diferença entre *ter* e *dar opinião*. O locutor desenvolve seu discurso a partir dos aspectos **dar opinião DC obter resultado ruim** e **ter opinião DC obter resultado bom**. Da mesma forma como o discurso anterior em que *evolução* apresenta diferentes sentidos em cada parágrafo, em *Não dê sua opinião*, o ato de *dar opinião* também apresenta nuances diferentes de sentido ao longo do discurso. No entanto, diferentemente de *evolução* que adquire sentidos negativos e positivos, como o desaparecimento de certos membros da espécie, e o aprimoramento, respectivamente, *dar opinião* sempre aponta para resultados negativos. Ao longo do discurso, o locutor justifica sua posição, segundo a qual “Dar opinião faz mal”.

O locutor dá continuidade ao seu discurso explicando por que dar opinião é negativo. Seu discurso progride, primeiramente, por meio de uma suposta acusação que lhe poderiam

fazer: a de que ele diz aos outros que não opinem, no entanto, ele próprio opina. Ele admite opinar, mas diz que tenta opinar cada vez menos. Neste ponto do discurso, ele explora o quão difícil é não opinar. Percebe-se essa dificuldade por meio do aspecto **dificuldade PT tentativa**, que é a AI de *esforço* no discurso analisado. É o bloco semântico *não dar opinião é difícil* que o locutor desenvolve nesse ponto. Ele elenca os motivos pelos quais é tão difícil não opinar: e o faz por meio da relação entre *esforço* e *instando*. O locutor, bem como os seus interlocutores, devem fazer um esforço para não opinar, pois as oportunidades de opinar são muito variadas e, mais do que isso, há certos momentos em que as pessoas são, de certa forma, forçadas a opinar: em eleições, em pesquisas, etc. Com o enunciado “*E isso faz mal*”, o locutor retoma tudo o que foi dito até o momento no discurso por meio do pronome *isso*. A Linguística Textual chama esse fenômeno de *Encapsulamento Anafórico*. Ele é *anafórico* porque remete a uma porção anterior do discurso. Pela ANL, podemos dizer que, no discurso analisado, o sentido de *isso* pode ser explicitado pelo aspecto **posicionar-se DC opinar**. *Isso* não é um pronome vazio, como seria em uma lista de pronomes na gramática. No discurso, ele adquire esse sentido de “dar opinião faz mal” por se relacionar com as demais entidades linguísticas presentes.

O *fazer mal*, nesse discurso, está relacionado ao aspecto: **apoiar uma opinião DC rechaçar outra opinião**, que é a AI de *tomar partido*. O locutor diz que, ao tomar partido, as pessoas podem vir a ser dependentes de sua opinião, e, dessa forma, transformar a divergência entre opiniões em um problema pessoal com o indivíduo de opinião diferente. Esse é um dos malefícios consequentes de *dar opinião*. Outro é o de se tornar excessivamente crítico e ver o mundo apenas por um ângulo negativo.

O discurso *Não dê sua opinião* faz constantemente um jogo de retomadas de tema e rema: o rema de um enunciado passa a ser o tema de outro. Como vimos na análise, os aspectos abaixo mostram isso:

atrelar-se à opinião DC fazer mal

atrelar-se à opinião DC tornar a opinião parte de si

tornar a opinião parte de si DC neg poder mudá-la

neg poder mudar de opinião DC ser vítima da coerência

ser vítima da coerência DC ser subalterno da opinião

Essa estratégia é uma das citadas pela Linguística Textual como sendo promotoras da coesão textual. Outra estratégia, já citada, é a utilização dos conectores.

Da mesma forma que em *Invólucros*, nesse discurso os articuladores nem sempre se prestam à função que a Linguística Textual lhes garante. Assim como no primeiro discurso, nesse segundo o conector *e* também não é usado com o sentido de adição. No enunciado “*Não falo sobre TER opinião, e sim de emití-la*”, o articulador *e* marca uma relação de oposição entre *ter* e *emitir* uma opinião. Como mencionamos na análise, *e* poderia ser substituído por *mas*, ou outro articulador da mesma ordem. Novamente conclui-se que, embora o articulador tenha em si uma orientação de uso, ele sozinho não tem sentido: seu sentido se constrói na relação com os segmentos que por ele ligados.

Assim como os outros discursos analisados, o terceiro *Em caso de despressurização* também apresenta o que a Linguística Textual chama de coesão e coerência: seus elementos de superfície estão interligados fazendo com que seja possível construir um sentido global.

O bloco semântico que perpassa o discurso é **Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro**. Contudo, esse bloco não é o primeiro ponto de vista a ser apresentado no discurso. O primeiro ponto de vista é o das mães que, ao verem as instruções nos voos que pedem para que as máscaras de oxigênio sejam postas primeiro em si e somente depois nos seus dependentes, chocam-se com o pedido, pois para elas, o lógico seria salvar o outro, para depois salvar-se, representado pelo aspecto **salvar ao outro primeiro DC salvar-se depois**. O locutor rejeita esse ponto de vista e apresenta o seu, explicitado no aspecto **neg estar em condições DC neg poder ajudar**. É nesse ponto que o locutor apresenta o bloco semântico.

A princípio, trata-se apenas da situação de possível necessidade em voos, mas, embora o bloco **Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro** seja retomado, há o que a LT chama de progressão temática. Pela ANL, analisamos essa progressão temática pelas relações que o bloco apresentado tem com os diferentes enunciados que se referem situações cotidianas apresentadas pelo locutor. No primeiro parágrafo, trata-se de colocar a máscara de oxigênio em si próprio para continuar consciente e ter a capacidade de colocar a máscara em tantas pessoas quantas precisarem de ajuda. No decorrer no discurso, o *ajudar-se* passa a ser *aprender, cuidar da saúde, ter bons relacionamentos*, entre outros.

O aspecto **ajudar o mundo DC ajudar-se primeiro** é um aspecto genérico, ou seja, a partir dele, muitos enunciados podem ser construídos com o mesmo sentido. O locutor apresenta tal aspecto no enunciado “*se quer colaborar com o mundo, comece por você*”, mas

faz seu discurso progredir por meio de exemplificações que apresentam situações mais específicas que remetem àquele aspecto. Os aspectos que especificam aquele são os que seguem, que correspondem às AI dos enunciados:

casa limpa DC cidade limpa

justiça com a empregada DC mundo justo

atitude de bom motorista DC trânsito melhor

solução dos próprios problemas DC vida melhor para todos

Aqui, o bloco semântico **Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro** é novamente recuperado. Seu sentido agora é o de que pequenas atitudes podem dar origem a grandes mudanças na sociedade.

Vimos, novamente, nessa análise, que as retomadas não são meramente um recurso para evitar repetições. Na retomada de *salvar o mundo* por *essa missão heroica e tão bem intencionada* não temos apenas uma referência a uma expressão anterior, mas um acréscimo, muito relevante, de sentido. O *salvar o mundo* não é uma atitude simples ou comum, mas algo que demanda heroísmo e bravura. Esse sentido pode ser expresso nos aspectos **tarefa difícil DC atitude de extrema grandeza e salvar o mundo DC missão heroica**, respectivamente AI de *missão heroica* e AE de *salvar o mundo*.

O bloco semântico principal continua sendo retomado no discurso. Nesse ponto, contudo, o locutor prevê que pode haver críticas a seu ponto de vista. Ele afirma que muitos podem compreender o *ajudar-se primeiro* como *estar com a vida perfeita*, sentido expresso pelo aspecto **ter vida perfeita DC ajudar o outro**. Contudo, o ponto de vista do locutor é **neg ter vida perfeita PT ajudar o outro**. Isso mostra que, de fato, a relação entre os sentidos dos enunciados, expressos por suas AI são capazes de promover a progressão temática. Para justificar seu ponto de vista, o locutor diz que as pessoas que têm problemas são mais capazes de se comover com os problemas dos outros de forma a mudar a sua vida e a dos demais. Esse tipo de pessoa é caracterizado pelo aspecto **ter problema DC resolver**, que é a AI de *agir*.

Novamente, a relação entre uma entidade lexical e seu contexto determina seu sentido. Percebe-se isso pela continuidade dada ao discurso. Primeiramente, trata-se apenas de *agir*, ou seja, fazer algo para solucionar problemas. No parágrafo seguinte, *agir* ganha um acréscimo e seu sentido, e passa a ser *agir com coerência*. Esse sentido é explicitado pelos aspectos:

falar mal da “Caras” PT fazer fofoca

vestir camiseta pró-ecologia PT poluir

vestir camiseta pró-ecologia PT desperdiçar

Como nos discursos anteriores, os articuladores estão presentes nesse e sua função pode ser explicada pela ANL. No segundo parágrafo, temos o articulador *porque*. A LT o classificaria como explicativo, mas pela ANL, o vemos como marcando uma relação normativa entre os segmentos, representada pelo aspecto: **colocação da máscara em si próprio primeiro DC imagem aflitiva**. O articulador *e*, também no terceiro parágrafo, pode ser visto como marcando uma relação normativa entre os segmentos, explicitada no aspecto: **salvar o outro primeiro DC salvar-se depois**.

Outro articulador também marca uma relação de interdependência semântica entre os segmentos do enunciado, representado no aspecto: **querer ajudar o mundo DC ajudar-se primeiro**. Trata-se do articulador *se*. Os demais articuladores presentes no discurso também podem ser analisados em termos da ANL, como descrevemos ao longo das análises. É importante ressaltar, mais uma vez, que não são os articuladores por si que estabelecem o tipo de relação existente entre os enunciados, sua função é marcar essa relação. Isso pode ser observado no último parágrafo, em que não há articuladores entre os enunciados, porém sua relação pode ser explicitada, como vemos nos aspectos abaixo:

querer salvar o mundo DC analisar o próprio comportamento

analisar o próprio comportamento DC ser egoísta

analisar o próprio comportamento PT neg ser egoísta

cuidar do espírito DC ajudar aos outros

cuidar do humor DC ajudar aos outros

arrumar o cotidiano DC ajudar aos outros

estar bem consigo próprio DC ensinar aos outros

Colocar articuladores entre os enunciados somente tornaria a relação entre os segmentos mais evidente. Isto é, comprova-se aqui o que consta na fundamentação teórica: o conector deve ser escolhido de acordo com a relação que os segmentos mantêm entre si, não é o conector que promove a relação.

Na seção seguinte, faremos a conclusão do trabalho que abordará a pesquisa como um todo, repassando todo seu processo de construção.

4 Considerações Finais

Esta pesquisa se fundamenta na Teoria da Argumentação na Língua, cujos preceitos básicos são: a língua é essencialmente argumentativa, ou seja, cada palavra ou expressão na língua orienta para uma continuação, isto é, apresenta *orientação argumentativa*, que permite certas continuidades e veta outras; e o sentido é construído na relação entre os elementos de um enunciado ou discurso. A motivação para a pesquisa surgiu durante os estudos sobre a Teoria da Argumentação na Língua. A ideia de *relação*, sempre presente nos textos de Ducrot e Carel, parecia estar estreitamente ligada ao conceito de *coesão*, uma vez que ambos lidam com a ligação entre elementos. Porém, a Linguística Textual, responsável pelo trabalho com *coesão*, apenas descreve os processos pelos quais a coesão acontece. Entendemos que é esse seu papel, pois se trata de uma teoria descritiva. Assim sendo, a LT faz o que se propõe a fazer. A maioria dos textos teóricos que trabalham com *coesão* afirmam que esse fenômeno ocorre juntamente com o de *coerência*, que diz respeito ao sentido, mas, novamente, há, nos trabalhos já existentes, uma descrição dos processos pelos quais o leitor percebe, ou não, a coerência de um texto. Dessa forma, surgiu a hipótese de que a ANL poderia, por meio de uma análise explicativa, auxiliar a explicar de que forma os sentidos são construídos em um texto dito coeso e coerente. Além disso, quando a LT trata da *coesão referencial*, pouca relevância é dada às diferenças de sentido obtidas quando da substituição de um vocábulo por outro¹⁰. Sendo uma teoria enunciativa, a ANL pode apontar nessas substituições lexicais as marcas do locutor e seu posicionamento frente ao que é dito, o que a LT não pode fazer. Isso porque a ANL/TBS tem por objetivo a descrição semântica das entidades lexicais e a explicitação dos sentidos resultantes das relações entre os elementos de um texto/discurso. Contudo, é importante ressaltar que a ANL concentra seus estudos no sistema da língua, buscando nele suporte para as explicações sobre o que acontece no discurso.

Nosso objetivo, ao iniciar este trabalho, era o de explicar os fenômenos *coesão* e *coerência* por meio da aplicação da ANL, investigando de que forma poderíamos explicitar, por meio de encadeamentos argumentativos, as relações existentes entre os elementos de um discurso, os quais fazem com que ele seja coerente e coeso. Constatamos que é, de fato,

¹⁰ Referimo-nos, aqui, aos estudos tradicionais de Linguística Textual citados na fundamentação teórica do trabalho. Os estudos mais atuais sobre *Referenciação* já apresentam uma abordagem diferenciada dos processos referenciais que ocorrem nos textos. Ver, por exemplo, **Referenciação**. Organizadoras : Mônica Cavalcante, Bernardete Biasi Rodrigues, Alena Ciulla. São Paulo : Contexto, 2003.

possível analisar os fenômenos *coesão* e *coerência* em termos na ANL. Para alcançar os objetivos, buscamos, na fundamentação teórica, os conceitos e processos utilizados pela Linguística Textual. Na sequência, buscamos os principais conceitos da ANL/TBS.

Selecionamos um *corpus* composto por três crônicas e justificamos a escolha de tal gênero por ser ele muito usado em salas de aula de Ensino Médio. Como metodologia, levantamos as argumentações internas e externas a entidades lexicais e a enunciados. Estudamos a maneira pela qual os articuladores marcam as relações entre enunciados e promovem a progressão temática. Analisamos também, de que forma a progressão temática se dá em termos de elementos lexicais.

Durante as análises, aplicamos os conceitos da ANL/TBS em comparação com a LT. Buscou-se traçar um paralelo entre as diferentes perspectivas de estudo. Esta foi a maior dificuldade encontrada: trabalhar com teorias que operam em níveis diferentes: a LT na superfície do texto e a ANL/TBS no sistema da língua, subjacente ao texto/discurso. As análises dos três discursos mostraram resultados semelhantes. De fato, pode-se notar que as relações entre os blocos semânticos em um discurso promovem os fenômenos *coesão* e *coerência*. É o caso do discurso intitulado *Invólucros*, de Luís Fernando Verissimo. Há dois blocos semânticos no discurso:

1. O que não tem necessidade desaparece.

2. O que tem necessidade não desaparece.

É pela relação entre esses blocos que o texto progride. Diferentes aspectos argumentativos deles provenientes mostram diferentes sentidos e sua ligação faz com o que texto seja coeso. É o caso, por exemplo, dos dedos da mão em: **datilografia não tradicional DC neg uso dos cinco dedos de cada mão** em contraste com o dente cuneiforme **necessidade de abrir DC criação de dispositivo**. O primeiro e o segundo bloco semânticos são representados, respectivamente, pelos aspectos acima.

Contudo, nos outros dois discursos *Não de sua opinião*, de David Coimbra e *Em caso de despressurização* de Martha Medeiros, há apenas um bloco semântico em cada um. São eles, respectivamente:

a. Dar opinião traz resultados ruins.

b. Para poder ajudar aos outros, devo ajudar-me primeiro.

Nesses dois casos, as retomadas dos blocos semânticos por aspectos diferentes faz com que os discursos sejam coesos. No caso de *Não dê sua opinião*, os aspectos

ter opinião diferente DC ser contra a pessoa

atrelar-se à opinião DC tornar a opinião parte de si

ser subalterno da opinião DC ofender-se com divergência de opinião

ofender-se com divergência de opinião DC atacar aquele que diverge

explicam as mais diversas razões pelas quais **Dar opinião traz resultados negativos**.

Em *Em caso de despressurização*, há também apenas um bloco, mas da mesma forma como em *Não dê sua opinião*, nesse discurso as retomadas do bloco por aspectos argumentativos diferentes faz com que o tema progrida. Alguns dos aspectos levantados foram:

casa limpa DC cidade limpa

justiça com a empregada DC mundo justo

atitude de bom motorista DC trânsito melhor

solução dos próprios problemas DC vida melhor para todos

querer salvar o mundo DC analisar o próprio comportamento

Dessa forma, as questões norteadoras desta dissertação puderam ser respondidas. Pode-se estudar *coesão* e *coerência* textuais em termos da ANL por meio da análise das argumentações internas e externas a entidades lexicais e a enunciados, bem como através das relações existentes entre os aspectos argumentativos presentes em um discurso.

Focalizamos na chamada *coesão sequencial*, que é aquele tipo de coesão que se ocupa dos procedimentos linguísticos que relacionam os elementos presentes no texto/discurso ao mesmo tempo em que fazem com que o tema progrida. Assim sendo, não estudamos as retomadas por pronomes ou advérbios pertencentes à *coesão referencial*, que é aquela que estuda como os componentes de superfície do texto remetem a outros. Contudo, um item desse segundo tipo de *coesão* foi estudado: o *encapsulamento anafórico*. Ocupamo-nos desse aspecto, pois foi relevante para o estudo explicitar o sentido do pronome *isso* presente no discurso *Não dê sua opinião* e *imagem* presente em *Em caso de despressurização*. No caso de *isso*, seu sentido é *dar opinião* e *imagem* é *Coloque primeiro a sua e só então auxilie quem*

estiver ao seu lado. É pela relação dessas entidades lexicais com as demais presentes nos discursos que se pôde levantar seu sentido.

Os resultados obtidos com a aplicação dos conceitos da ANL em comparação com a LT na análise de crônicas podem, muito provavelmente, ser encontrados em outros gêneros discursivos. Ressaltamos que a escolha pelo gênero crônica foi apenas um recorte.

Pelas análises, constatamos que, de fato, se pode explicar os fenômenos coesão e coerência pela ANL, contudo, essa resposta fez surgir uma outra problemática: é possível ensinar coesão e coerência pela ANL? Seria possível que a aplicação dos conceitos da ANL ao ensino facilitasse o processo de produção textual para os alunos, uma vez que há, entre os professores de língua portuguesa, um consenso que os alunos não são capazes de relacionar suas ideias nos textos que escrevem? Essas questões ficam em aberto e servem como sugestão para trabalhos futuros.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*; revisão técnica João Gomes da Silva Neto. – 2ª ed. Revista e aumentada – São Paulo: Cortez, 2011.
- CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão (1981)*. In: **A crônica, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La Semántica Argumentativa. Una Introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- _____. *Narrativa e persuasão em Claude Guex de Victor Hugo*. In: **Revista da Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. v.8 – n.2 , jul./dez. 2012.
- CASTRO, Adriane Belluci Belório de ; ARANTES, Helena Aparecida Gica ; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *A construção do texto*. In : **Dos alicerces da leitura à construção do texto**. Bauru , SP : Edusc, 2013.
- COIMBRA, David. *Não dê sua opinião*. In : **Zero Hora**, Porto Alegre, 16 jul. 2010, p.2.
- CONTE, Maria-Elisabeth. *Encapsulamento Anafórico*. In : **Referenciação**. Organizadoras : Mônica Cavalcante, Bernardete Biasi Rodrigues, Alena Ciulla. São Paulo : Contexto, 2003.
- CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL. 28 ed. SP: Cultrix, 2012. BALLY, Charles, SECHEHAYE, Albert (Orgs). 1ª reimpressão 2013.
- DUCROT, Oswald et al. *Analyse de textes et linguistique de l'énonciation*. In : **Les mots du discours**. Paris: Minuit, 1980.
- _____. *Enunciação*. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984.
- _____. *Argumentação Retórica e Argumentação Linguística*. In: **Letras de Hoje**,
- _____. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- _____. *Polifonía Y Argumentación. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*. 1 ed. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. – São Paulo: Ática, 1991.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingendore Grunfeld Villaça. *Linguística Textual: introdução* – 10.ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, Ingendore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, Ingendore Grunfeld Villaça. *A coesão textual* – 22.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012 A.

_____. *O texto e a construção dos sentidos* – 10.ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012B.

MEDEIROS, Martha. *Em caso de despressurização*. In: **Doidas e Santas**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

MORAES, Vinícius. *O exercício da crônica*. In : **Para viver um grande amor**. São Paulo : Companhia das Letras, 2010 .

NEVES, Margarida de Souza. *Uma escrita do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*. In: **A crônica, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Editora Ática, 6ª ed. 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. Organizadores: Simon Bouquet e Rudolf Engler. Pensamento-Cultrix, 1ª edição, 2004.

VERISSIMO, Luís Fernando. *Invólucros*. In: **Mais comédias para ler na escola**. Apresentação e seleção de Marisa Lajolo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.